

I CAN'T BREATHE

E OUTROS TEXTOS

ELMANO SANCHO

I CAN'T BREATHE

E OUTROS TEXTOS

ELMANO SANCHO

POSFÁCIO
EUGÉNIA VASQUES

coleção dramaturgia

A coleção DRAMATURGIA dedica-se à escrita para teatro, acolhendo clássicos, modernos e contemporâneos, autores consagrados e emergentes, com atenção especial dedicada aos processos de transformação da escrita de palco. A coleção apresenta no espaço da língua portuguesa uma proposta editorial de referência no domínio do teatro, propondo edições criteriosas e acompanhadas de aparato crítico.

DIRETOR MAIN EDITOR

Fernando Matos Oliveira UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DIRETORES ADJUNTOS ASSOCIATE EDITORS

Alexandra Moreira da Silva UNIVERSITÉ SORBONNE NOUVELLE - PARIS 3

Rui Pina Coelho UNIVERSIDADE DE LISBOA

CONSELHO EDITORIAL EDITORIAL BOARD

Ana Isabel Vasconcelos UNIVERSIDADE ABERTA

Christine Zurbach UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Francisco Frazão TEATRO DO BAIRRO ALTO

José Augusto Cardoso Bernardes UNIVERSIDADE DE COIMBRA

José Da Costa UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

João Maria André UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Luiz Fernando Ramos UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Manuel F Vieites ESCOLA SUPERIOR DE ARTE DRAMÁTICA DE GALICIA

Maria de Fátima Sousa e Silva UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Maria João Brillhante UNIVERSIDADE DE LISBOA

Marie-Amélie Robilliard MAISON ANTOINE VITEZ - PARIS

Marta Teixeira Anacleto UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Pedro Eiras UNIVERSIDADE DO PORTO

I CAN'T BREATHE ⁷

DAMAS DA NOITE
UMA FARSA DE ELMANO SANCHO ⁸⁹

A ÚLTIMA ESTAÇÃO ¹⁵⁵

POSFÁCIO ²²⁷

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra
E-MAIL imprensa@uc.pt
URL www.uc.pt/imprensa_uc
VENDAS ON LINE livrariadaimprensa.uc.pt

CONCEÇÃO GRÁFICA
Imprensa da Universidade de Coimbra

POSFÁCIO
Eugénia Vasques

APOIO EDITORIAL E REVISÃO
Cláudia Moriais e Cláudia Cláudio

PAGINAÇÃO E COMPOSIÇÃO GRÁFICA
coisa IMPRESSV

ISBN
978-989-26-2001-5

ISBN DIGITAL
978-989-26-2002-2

DOI
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2002-2>

DEPÓSITO LEGAL
496741/22



I CAN'T BREATHE

(2015)

| Texto de ELMANO SANCHO





Fotografia pág. 6: Ana Monte Real (Fotografia de cena)
Fotografia págs. 8 e 9: Elmano Sancho e Ana Monte Real
(Cartaz do espetáculo)

Os acontecimentos em torno da morte do cidadão norte-americano Eric Garner, que deram origem ao movimento *I Can't Breathe*, são o ponto de partida para uma reflexão sobre a ligação entre a exposição e total visibilidade da pornografia e a sociedade contemporânea.

Um homem e uma mulher encontram-se com a esperança de entender a crescente ausência de intimidade, a necessidade urgente em tornar tudo visível, a sensação de sufoco e indiferença, o cansaço generalizado e, sobretudo, para evitar o fim anunciado do mistério e da ilusão nas suas vidas.

O espetáculo estreou a 1 de dezembro de 2017 no Teatro da Politécnica em Lisboa.

Prémios/Nomeações

Menção Especial do Prémio da Crítica 2015 para Elmano Sancho, atribuída pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro.

Nomeado para Melhor Espetáculo de Teatro nos Prémios SPAUTORES 2016.

AUTORIA | Elmano Sancho

INTERPRETAÇÃO | Elmano Sancho e Ana Monte Real

ASSISTÊNCIA À DRAMATURGIA | Rui Catalão

ASSISTÊNCIA À ENCENAÇÃO | Joana Barros

DESENHO DE LUZ | Luciana Ribeiro/Joana Barros

ASSISTÊNCIA À ENCENAÇÃO | Joana Barros e Luciana Ribeiro

DESENHO DE LUZ | Alexandre Coelho

VÍDEO | João Leitão

FOTOGRAFIA | Alípio Padilha

PRODUÇÃO EXECUTIVA | Nuno Pratas

COPRODUÇÃO | Artistas Unidos, Culturproject, Festival Temps d'Images

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA | O Espaço do Tempo M/18

Espetáculo financiado pela República Portuguesa-Cultura / Direção-Geral das Artes, Fundação Calouste Gulbenkian, GDA.

Prelúdio

Primeira parte – Projeção de um vídeo pornográfico, alternado com imagens de acontecimentos atuais violentos.

Segunda parte – Do outro lado da parede, ELE e ELA estão num espaço delimitado por cadeiras para o público (configuração em U). O espaço assemelha-se a um estúdio de cinema. Poderia ser também um quarto de hotel.

ELE está sentado numa das cadeiras, com um telemóvel na mão. Observa o público a chegar. ELA está no espaço cénico, de costas, dança ao som da canção *Je t'aime moi non plus* de Serge Gainsbourg e Jane Birkin, que ouvimos do telemóvel. Os espectadores sentam-se. ELE levanta-se, pega na câmara de filmar, que se encontra ao centro, desloca-a para umas das extremidades, liga-a. Baixa o som do telemóvel até deixar de se ouvir a canção. ELA continua a dançar.

I

Tatuagem

ELE – Porque fizeste essa tatuagem?

ELA *para de dançar e desliza a mão pelo corpo à procura da tatuagem.*

ELA (*com ligeiro sotaque do português falado no Brasil*) – Tinha uma águia no fundo das costas, era escura e muito agressiva, não tinha significado algum. Removi-a com laser. Como a pele ficou muito branca fiz esta para cobrir.

ELE – E essa é o quê?

ELA – É um dragão com uma gueixa e flores de cerejeira.

O dragão simboliza a honra.

A gueixa é uma mulher educada nas mais finas artes, acompanha homens em negócios. As pessoas julgam que elas são escolhidas, mas não, são elas que esco-

Ihem. A minha gueixa é uma samurai, tem uma espada e um manto azul.

As flores de cerejeira simbolizam o quinto elemento do Bushido, o código dos samurai, a vida tem de ser vivida intensamente, é efémera, passa muito rápido.

ELE – Já pensaste na tua morte?

ELA – Quero morrer cedo.

ELE – Eu vou morrer cedo.

Silêncio.

ELA *começa a enrolar o cabelo no indicador.*

II

Primeiro encontro

ELE – Quando é que começaste a fazer isso?

ELA – Desde miúda, acho eu.

ELE – Porque é que estás a fazer isso agora?

ELA – Porque estou nervosa.

Pausa.

ELE – Olá. Foi o que dissemos quando nos vimos, não foi?

ELA – É o que se diz sempre.

ELE – Como é que foi o nosso primeiro encontro?

ELA – Estavas sentado na esplanada à minha espera com um ar nada simpático (*ri*).

ELE – Porque é que achas que eu estava com um ar... Como disseste?

ELA – Nada simpático.

Pausa.

Porque cheguei atrasada.

ELE – E porque chegaste atrasada?

ELA – Não conseguia estacionar o carro.

ELE – Vieste com outro homem.

ELA – Nunca viajo sozinha.

ELE – Porquê?

ELA – Cautela. Há muitos malucos por aí.

ELE – Estavas com medo de mim?

ELA – Não sabia quem estava à minha espera.

ELE – E quem estava à tua espera?

ELA – Tu.

ELE – Estavas com medo de mim?

ELA – Eu disse cautela.

ELE – Porque vieste com aquele homem?

ELA – Não sabia quem estava à minha espera.

ELE – Andas a ser perseguida por alguém?

ELA – As pessoas julgam que podem fazer tudo comigo.

ELE – E podem?

ELA – Não.

Pausa.

ELE – Estavas com óculos espelhados, não se conseguia ver os olhos.

ELA – Não eram espelhados, tinham lentes azuis claras e tu viste os meus olhos.

ELA *volta-se*. ELA e ELE *olham-se pela primeira vez*.

Pausa.

ELE – Camisa cor de cobre.

ELA – Blusa laranja.

ELE – Calças de ganga largas.

ELA – Justas.

ELE – Dos pés não me lembro, mas os pés não interessam.

E as unhas, claro, artificiais e grandes.

ELA – Tens problemas com unhas?

ELE – Consegues fazer tudo com essas unhas?

ELA – Só não consigo apanhar uma moeda do chão.

Silêncio.

ELE – Estavas diferente da fotografia que tinha visto, mas ainda assim reconheci-te.

Eu estava diferente?

ELA – Não... Mas a tua fotografia estava errada, vi-a dezenas de vezes para perceber o que não batia certo.

ELE – Errada como?

ELA – Na fotografia estavas triste. Numa situação daquelas deverias estar feliz.

ELE – Chegaste atrasada. Porquê?

ELA – Já expliquei, não conseguia estacionar o carro.

ELE – Porque vieste ao meu encontro com outro homem?

ELA – Sinto-me mais segura.

ELE – Estavas com medo de mim?

ELA *enfrenta-o com o olhar.*

Silêncio.

III

Agressões

ELE *desloca-se para a esquina à esquerda do U e que coincide com uma entrada.*

ELE – Posso dar-te um soco?

ELA – Magoa.

ELE – Eu dou um soco devagar.

ELA – Magoa na mesma.

ELE – Posso cuspir-te na cara?

ELA – Podes.

ELE – Posso lamber-te?

ELA – Sim.

ELE – Tens problemas com chapadas?

ELA – Evita as costas da mão, magoa.

ELE – Podes livrar-te da porcaria da pastilha elástica?

ELA *engole a pastilha.*

ELE – Morder?

ELA – Bem devagar.

ELE – As mamas?

ELA – Muito devagar.

ELE – Posso?

ELA – Podes.

ELE – Quantos dedos posso enfiar?

ELA *olha para a mão dele. ELE põe a mão à frente da luz da câmara para a tornar visível.*

ELA – Quatro.

ELE – O que é que eu faço com o outro?

ELA – Deixas de fora.

ELE – Qual o dedo que deixo de fora?

ELA – O polegar.

ELE *olha para o polegar.*

ELE – Posso penetrar-te com objetos?

ELA – Só dildos.

ELE – Só Deus?

ELA – Dildos!

ELE – Posso vir-me em cima de ti?

ELA – Do pescoço para baixo.

ELE *desloca-se na lateral/corredor esquerdo, atrás do público.*

ELE – Preferes que eu seja o canalizador, o entregador de pizzas, o polícia, o bombeiro, o professor, o médico, o enfermeiro, o carteiro, o padeiro, o *personal trainer*, o chefe, o mordomo, o motorista, o jardineiro ou o padre?

ELA – Todos.

ELE *liga um dos projetores de luz.*

ELE – Posso adormecer ao teu lado?

ELA *olha para ELE.*

Pausa.

ELE *desloca-se na lateral/corredor esquerdo no sentido inverso.*

ELE – Posso mijar-te em cima?

ELA – Chuva dourada? Sigo uma linha mais clássica.

ELE – Posso rapar-te os pelos do sexo?

ELA – Não é preciso, estou sempre depilada.

ELE – Posso cortar-te a vagina com uma lâmina?

ELA – Para quê?

ELE – Posso arrancar-te os cabelos?

ELA – ...

ELE – Posso espezinhar-te?

ELA – ...

ELE – Posso queimar-te os mamilos com pontas de cigarro?

ELA – ...

ELE – Posso arrancar-te as unhas com um alicate?

ELA – ...

ELE – Posso partir-te a boca?

ELA – ...

ELE – Posso estrangular-te?

ELA – ...

ELE – Posso beijar-te os lábios?

ELA – ...

Silêncio.

ELE está junto à câmara.

Desloca-se no corredor central, da esquerda para a direita.

ELE – Posso chamar-te puta?

ELA – Podes.

ELE – Cadela?

ELA – Sim.

ELE – Vaca?

ELA – Sim.

ELE – Cabra?

ELA – hum-hum...

ELE – Porca?

ELA – Sim.

ELE – Posso chamar-te badalhoca?

ELA – ...

ELE – Asquerosa?

ELA – ...

ELE – Patética?

ELA – ...

ELE – Meu amor?

ELA – ...

ELE – Há alguma coisa que eu não te possa chamar?

ELA – Não me podes chamar pelo nome, o verdadeiro.

ELE – Posso chamar-te Séverine?

ELA – Podes.

ELE – *Que vous êtes séduisante, Séverine.*

ELA *ri.*

Silêncio.

ELE *encontra-se na esquina direita da arena que coincide com outra entrada.*

IV

Habilidades

ELE *desloca-se na lateral/corredor direito.*

ELE – O que é sabes fazer?

ELA – Sei dançar.

ELE – Dançar o quê?

ELA – *Ballet* clássico.

ELE – Odeio *ballet*. E mais?

ELA – Ritmos latinos, samba.

ELE – E mais?

ELA – Sei tocar órgão clássico.

ELE – Vamos esquecer o clássico, tenho um problema com o clássico.

ELA – Sei tocar órgão.

Pausa.

ELE – E mais?

ELA – Sei lutar.

ELE – Que tipo de luta?

ELA – Jiu-jitsu.

ELE – Não sei o que é. E mais?

ELA – Sei treinar.

ELE – E mais?

ELA – E sei fazer dietas.

ELE – Para além disso?

ELA – Sei tirar a roupa.

Sei provocar.

Sei beijar na boca, de língua.

ELE – Só?

ELA – Também sei rir.

ELE – Sabes fazer amor?

ELA – ...

ELE – Como fazes para respirar quando tens um na boca e outro no cu?

ELA – Não sei, diz-me tu.

ELE – Nunca estive nessa situação.

ELA – Eu também não.

Silêncio.

ELE desloca-se na lateral/corredor direito, no sentido inverso, em direção à esquina do espaço cénico em U.

V

Confiança

ELE – O que é que tu achas que eu quero de ti?

ELA – Tu? O que queres de mim?

ELE – O que é que esperas de mim?

ELA – Nada, vivo um dia de cada vez, como uma criança a descobrir o mundo.

ELE – Já pensaste nas consequências disto?

ELA – São sempre as mesmas. Vou ser apontada, criticada, desrespeitada, maltratada, humilhada, vista como uma aberração.

ELE – És?

ELA – O quê?

ELE – Uma aberração?

ELA – Não... sou... achas que sou?

Silêncio.

ELE – O que é que tu queres de mim?

ELA – Nada.

Pausa.

ELE – Confias em mim?

ELA (*cruza as pernas*) – Confio.

ELE – Porquê?

ELA – És parecido com o meu pai.

ELE – Em que é que eu sou parecido com o teu pai?

ELA – O teu cabelo, a tua barba, o teu olhar doce. E o teu pudor, tens muito pudor.

ELE – Achas que eu sou uma versão mais nova do teu pai?

ELA – Não tenho a certeza.

ELE – Achas que me ia dar bem com o teu pai?

ELA – Sim.

ELE – Achas que íamos jogar às cartas?

ELA – Ele não sabe jogar às cartas.

ELE – Eu também não.

Pausa.

O que é que o teu pai não sabe de ti?

ELA – Que eu faço *topless*.

Pausa.

ELE – Fala-me do teu pai.

ELE desloca-se no corredor central, da direita para a esquerda, em direção à câmara.

ELA – O meu pai é a melhor pessoa que eu conheço. Tem a gargalhada mais linda do mundo! Ele ri-se de tudo. Alguém tropeça, ele ri-se, ele discute com os netos por causa do comando da televisão. Ele faz tudo por mim, dá-me tudo e eu faço tudo para o ver feliz. Sou a menina do papá.

ELE – Quando foi a última vez que viste o teu pai chorar?

ELA – Toda a vez que o meu pai chora é por minha causa.

ELE – Porquê?

ELA – Porque ele pensa... pensa que não me consegue proteger.

ELE – E consegue?

ELA – Sempre.

ELE – O que é que ele te disse quando descobriu?

ELA – “Quem és tu? Tu não és a minha filha”.

ELE – E quem eras tu?

ELA – A mesma de sempre. Não faço nada de errado.

ELE – E o que disse a tua mãe?

ELA – ...

ELE – O que sentiste quando percebeste que tinhas magoado o teu pai?

ELA – A maior dor do mundo. Fiquei sem chão. Foi por isso que deixei tudo e voltei para junto dele.

ELE – Será que vou conseguir proteger-te?

ELA – Não.

Silêncio.

VI

Aparências

ELE entra pela primeira vez no espaço onde ELA se encontra e que é delimitado pelo público. Olha-se ao espelho de longe. Para.

ELE – Achas que sou um homem atraente?

ELA *ri.*

É assim tão difícil?!

ELA – Acho.

ELE – O que é que mais gostas em mim?

ELA – Do teu rosto.

ELE – O nariz é um pouco grande, não é?

ELA – É, mas eu gosto.

ELE – Parece que o nariz continua a crescer à medida que envelhecemos...

ELA – É o que dizem as revistas.

ELE – As orelhas são grandes, não são?

ELA – São, mas eu gosto.

ELE – E o queixo? A minha mãe diz que não gosta do meu queixo, que é muito saído, que lhe faz lembrar o do meu avô.

ELA – É proporcional ao teu nariz.

ELE – O que queres dizer com isso?

ELA (*ri*) – Eu gosto.

ELE – Os lábios? São finos demais, não são? Não tenho lábio superior. O que é que um homem faz sem lábio superior?

Pausa.

Para além do aspeto físico, o que é que mais gostas em mim?

ELA – Do teu tom.

ELE – Achas que sou mais atraente quando sou sarcástico?

ELA – Acho.

ELE – Achas que sou mais autêntico quando sou sarcástico?

ELA – És.

ELE *caminha até* ELA.

Pausa.

ELE *afasta-se dela.*

ELE – O corpo, de 1 a 10, quanto é que me dás?
Podes dizer, de 1 a 10, não tenhas medo.

ELA – 9.

ELE – 9? Qual é problema com o meu corpo? Diz.

Pausa.

O que é que eu preciso de mudar para ter 10?

ELA – Tens de trabalhar mais o tronco.

ELE – Trabalhar não quero.

ELA – Então, estás bem assim.

ELE – Achas que vão gostar mais de mim se retocar aqui, aqui, aqui, aqui e... aqui?

ELE *percorre o espaço numa diagonal até se aproximar de ELA, como se fosse uma dança.*

ELA – Não precisas de retocar nada.

ELE – Mas assim não vão gostar de mim...
E tu, achas que tens de retocar alguma coisa?

ELA – Ainda não.

ELE – O que é que já retocaste?

ELA – As mamas.

ELE *descobre o corpo dela com o olhar.*

ELE – Quem foi que as fez?

ELA – O Dr. Antunes, já morreu.

ELE – E a boca, quem a retocou?

ELA – O meu pai e a minha mãe.

ELE – São cirurgiões?

ELA – Artistas!

ELE – E o nariz, quem retocou esse nariz?

ELA – Não retoquei, parti-o duas vezes. Odeio o meu nariz.

ELE – Eu não retoquei nada, sou autêntico.

ELA *ri*.

Porque estás a rir?

ELA – Porque és autêntico.

Silêncio.

VII

Cicatrizes

ELE *aponta para a cara dela*.

ELE – E essa cicatriz? Como é que aconteceu?

ELA *toca na cicatriz dela*.

ELE *toca na cicatriz dele*.

ELA – A minha mãe tinha acabado de comprar móveis novos para o meu quarto.

ELE – A minha mãe estava ao telefone com a minha tia-avó: “O meu filho de patins na estrada nacional? Não, não era ele”.

E a minha tia-avó a insistir: “Olha que era! E sem capacete!”

ELA – Tinha uma penteadeira linda com um espelho redondo e flores cravadas nele, e ainda mais dois espelhos laterais que se moviam. Eu passava horas sentada no banco a ver o meu rosto. À frente tinha duas gavetas, na primeira eu guardava os meus laços, na segunda os elásticos. Nas gavetas laterais guardava os meus vestidos e lá no fundo as minhas melissas.

ELE – A divisão onde se encontravam os patins estava fechada à chave. Então, depois do almoço, peguei na bicicleta do meu irmão, que era grande demais para mim. E para onde é que eu fui?

ELA – Para a estrada nacional. Toda a vez que a minha mãe percebia que eu ia para o quarto vinha gritando: “Tu não subas no banco...”

ELE – “Nem tentes ligar o interruptor sozinha!”. Alta velocidade na estrada nacional. Precisei de travar, mas

como os dedos não alcançavam os travões, atirei-me para a berma, bati com a cara no manípulo...

ELA – Rasgão. Como tinha a mania que fazia tudo sozinha, fui para o quarto, peguei no banco, empurrei para a parede, subi. Em vez de pôr o pé no meio, pus na ponta, escorreguei, bati com a testa...

ELE – Rasgão. Foi nessa altura que descobri que o sangue não era totalmente líquido. A minha cara refletida no retrovisor do carro a caminho do hospital... Postas de sangue misturadas com lágrimas.

E a minha mãe aos gritos: “Porque é que bateste no menino? Porque é que bateste no menino?”. Sim, porque eu disse à minha mãe que tinha sido o meu irmão que me tinha batido.

ELE *olha para* ELA.

Sete pontos, e tu?

ELA – Não me lembro.

ELE – Não te lembras? Os pontos são muito importantes, como é que não te lembras dos pontos que levaste?

Pausa.

Tens mais alguma cicatriz?

ELA – Mais seis. E tu?

ELE – Mais uma.

Silêncio.

VIII

Gostos

ELA e ELE *olham-se. Grande proximidade.*

ELE – Gostas da maneira como eu olho para ti?

ELA *olha o público.*

ELA – Gosto.

ELE – Gostas de te sentir observada?

ELA – Gosto.

ELE – Gostas de te sentir desejada?

ELA – Gosto.

ELE – Achas que te desejo?

ELA – Não sei.

ELE – O que te excita mais? O olhar de um homem ou de uma mulher?

ELA – Os dois.

ELE *olha pela primeira vez para o público.*

ELE – Porque é que eles estão a olhar para nós?

ELA *sussurra ao ouvido dele.* ELE *olha para a ELA.*

Sorri.

Pausa.

ELE *desloca-se para o público e olha para uma pessoa.*

ELE – As pessoas não se interessam por nós.

ELA – Estavas à espera que se interessassem?

ELE – Estou sempre à espera.

ELA – Só quando vale a pena.

ELE – Não, mesmo quando não vale a pena, estou sempre à espera que se interessem por nós.

Silêncio.

ELE sai do espaço e põe-se atrás da câmara.

IX

Comando

ELE – Dá uma volta completa.

ELA *começa a girar.*

Mais uma.

Mais uma.

Só mais uma.

ELA *tenta falar.*

Não fales, não estragues tudo.

Só mais uma.

É a última.

É a última.

É a última.

Estás a tentar seduzir-me?

ELA *para*.

O que é que estás a fazer?

Porque é que fazes o que te peço?

Porque é que permites que te trate mal?

ELA – Tu não me tratas mal.

Pausa.

Uma vez, eu estava na varanda da minha casa a tratar dos meus gatinhos, o Thor, a Mel e a Grey. E a Grey tinha a mania de subir pelas pernas acima. Eu baixava-me para tirá-la e ela subia e, numa das vezes em que me baixei, aproximei-me do parapeito da varanda e ouvi: “Anda cá, que eu fodo-te toda, sua puta de merda! Tu gostas é de mamar, não gostas? Tu gostas de estar de quatro, não gostas? Tu gostas de caralhos, não gostas? És uma ordinária, uma vaca! Não te chegam os caralhos que temos aqui? Também temos muitos braços para ti! Ah, agora ficas escondida atrás do papá...”

Silêncio.

Achas que me tratas mal?

ELE – O teu pai ouviu?

ELA – Não.

ELE – Estavas com medo que ele ouvisse?

ELA (*chora*) – Sim.

Silêncio.

ELE – Quando foi a última vez que te insultaram?

ELA – Na praia. Eu tinha ido à praia com o meu ogre...

ELE – Quem é o teu ogre?

ELA – Foi o único amor da minha vida. Ele tinha ido à água e, como não gosto de ficar parada e sozinha muito tempo, fui ter com ele. Quando me estava a aproximar da água, ele fez sinal para eu parar. E parei. Ele estava com muitos miúdos à volta e estava com um ar muito zangado...

ELE – Nada simpático.

Pausa.

ELA *olha para* ELE.

ELA – Pois, é isso, nada simpático.

Pausa.

Os miúdos saíram a correr da praia e ele fez-me sinal para ir ter com ele. Quando eu cheguei, ele disse-me: “Quando te levantaste da toalha, aqueles miúdos começaram a gritar ‘Olha para aquela gaja! Com aquele cu e aquelas mamas é puta de certeza! Se não é puta, é *stripper*’. ‘Não,’ disse um, ‘ela tem cara de puta’”.

Ele deu dois toques no ombro do miúdo que falava mais alto e disse: “Aquele puta ali é minha mulher. Vocês têm cinco minutos para desaparecer da praia. Vou olhar para o mar e, quando eu voltar a olhar para a areia, não quero ver ninguém aqui.” Os miúdos começaram a pegar nas toalhas e a correr...

ELA *agita-se e avança em direção à câmara.*

ELE – Não consegues estar quieta?!

ELA *para.*

Silêncio.

X
Toque

ELE *entra de novo no espaço, caminha e aproxima-se dela. Quando está próximo, tenta tocar-lhe. ELA afasta-se e senta-se na chaise longue.*

XI
Infância

ELE – Como é que se chamava o teu primeiro animal de estimação?

ELA – Tutti. Era um cão. E o teu?

ELE – Minette. Uma gata. Fui eu que escolhi o nome.
Pausa.

Qual era a tua brincadeira favorita?

ELA – Esconde-esconde. Adorava passar horas escondida sem ninguém me encontrar. E a tua?

ELE – Berlindes. Colecionaste alguma coisa?

ELA – Papéis de carta com cheiro.

ELE – Selos.

Pausa.

Qual a fotografia de infância que mais gostas?

ELA – Uma em que estou dentro de um cesto de palha enorme, com o meu nome à frente e uma chucha cor de rosa na boca.

ELE – Uma em que estou com umas jardineiras, camisa branca e um chapéu de marinheiro. E os braços bem abertos.

ELE *volta-se para o público da lateral direita e aponta para os espectadores.*

A minha prima Mafalda está ao meu lado com uns óculos enormes. Ao lado dela, o meu primo André. Ao lado dele, a Sylvie. Depois a Sandra e não me lembro quem é a quinta pessoa.

ELA – A Marina.

ELE – Todos vestidos de anjo.

ELA – Menos tu.

ELE – Acho que ainda não tinha idade nem para estar vestido de anjo nem para andar na escola. Tinha os braços assim ou fui eu que imaginei que tinha os braços assim? Perdi essa fotografia...

Pausa.

ELA – Gostavas de andar na escola?

ELE – Muito. E tu?

ELA – Muito. Quantas vezes foste para a rua?

ELE – Muitas. E tu?

ELA – Nunca.

ELE – Todas no mesmo ano. Foi um ano exemplar. Uma delas com falta participada. A professora de geografia vinha aborrecida da turma anterior, empurrou-me ao passar, bati com as costas na cadeira. Estive a aula toda a rosnar até que me mandou para a rua. De saída, respondi: “Ainda bem porque aqui cheira a mofo!” Falta participada. Tive de a namorar no intervalo para ela desistir dessa ideia tola de

participar a falta aos meus pais. Eu era aluno de 5.

Pausa.

Ganhaste algum prémio?

ELA – Muitos, no Brasil existem as festas Juninas, é o equivalente aos Santos Populares. Nessas festas há muitos concursos: Boneca Viva, Princesa, Sinhazinha, Quadrilhas. Eu participava em todos e ganhava sempre. Só que houve um que eu fiquei em segundo, acreditas? O meu pai entregou-me a faixa de segunda princesa e disse-me ao ouvido: “Ganhaste, eles fizeram batota”. Claro, a vencedora era tão feia e o vestido dela era horrível!

Nesse mesmo dia tirámos uma fotografia, o meu padrinho, a minha prima e eu. A minha prima sentou-se ao colo do meu padrinho e eu sentei-me ao colo dela. Pouco tempo depois, o meu padrinho foi para Portugal com essa fotografia e mostrou-a à minha avó. A minha avó disse: “Que boneca de porcelana tão linda!”. O meu padrinho riu-se e disse: “Não é uma boneca de porcelana, é a sua neta mais nova”. Dito isso, era óbvio que eu era a primeira princesa. E tu?

ELE *caminha para trás da chaise longue e observa-a.*

ELA *deleita-se na chaise longue. ELA olha para ELE.*

ELE – Um terceiro lugar num concurso de Carnaval. O Clemente e o Teófilo vestiram-se de mulheres com as roupas das avós e ficaram em primeiro e segundo lugares. Eu, que tinha usado cola, tesoura e papel crepe, fiquei em terceiro lugar. Ganhei três esferográficas. Subi ao palco e pegaram-me ao colo como se eu fosse um leitão a ser leiloado nas festas da aldeia. Nunca mais me mascarei.

Pausa.

ELE *contorna a chaise longue e senta-se por pouco tempo.*

Ganhei uma vez, não foi bem ganhar, fui eleito o mais simpático da turma. Acreditas? Estremeci quando ouvi o meu nome. Jurei nunca mais passar por uma vergonha daquelas.

Fui eleito o mais simpático da turma porque me dava com todas as pessoas. Dava-me com todos!

ELE *caminha para a saída numa diagonal.*

ELA – Eras muito promíscuo.

Silêncio.

XII

Sujidade

ELE *pega na câmara e coloca-a atrás da chaise longue.*

ELE – Já alguma vez te sentiste suja?

ELA – Toda a vez que vou ao ginásio e não tenho tempo de tomar banho.

ELE – Só?

ELA – E uma vez, numa aula de português, dei um espirro tão forte, mas tão forte, que fiz xixi nas calças. Não disse nada a ninguém, fiquei até ao fim das aulas com as cuecas todas molhadas.

ELE *olha para ELA e tira-lhe a almofada que ELA tem entre as pernas. Abraça a almofada junto ao peito.*

ELE – Achas que quando uma pessoa se vai confessar é porque se sente suja?

ELA – Não.

ELE – Então porque é que temos de nos confessar?
Senteste-te melhor depois da confissão?

ELA – Nunca me confesso.

ELE – Eu sinto-me mais limpo, mais leve. Mas dura pouco tempo. A confissão é boa quando se é criança e se tem a ilusão de que nos vai salvar. Em adulto, sai-se da igreja ainda mais sufocado.

ELE *atira a almofada ao chão e ajoelha-se.*

O que eu adorava inventar pecados e ver a cara do padre! Ele a querer despachar-me e eu ali, de joelhos, a vomitar as minhas agonias imaginárias e a dar a entender aos pecadores, que estavam à espera na fila para se confessar, que era um perdido.

Silêncio.

XIII

13

ELE – Quando perdeste a virgindade sentiste-te suja?

ELA – Não.

ELE – Com que idade perdeste a virgindade?

ELA – Aos 18.

ELE – Aos 13! E a fé? Quando é que perdeste a fé?

ELA – Aos 20.

ELE – Aos 13. Com que idade tiveste o teu primeiro namorado?

ELA – Aos 14.

ELE – Aos 13.

ELA – Chamava-se Maciel. Numas férias de verão, numa festa, em casa de uma amiga minha. Ele convidou-me para dançar e eu disse logo que sim, ele era giro e popular. Perguntou se eu queria namorar com ele, eu disse sim, claro, todas as minhas amigas já namoravam, e depois tentou beijar-me. Fugi da festa a cuspir para o chão e a limpar a boca nas mangas. Passei o verão a esconder-me dele. Quando recommençaram as aulas, pediu-me em namoro, mas eu não podia voltar a beijá-lo.

ELE – Primeira desilusão amorosa?

ELA – Aos 19.

ELE – Aos 13. Primeira revolta com os pais?

ELA – Aos 14.

ELE – Aos 13. Primeiro pelo público?

ELA – Aos 17.

ELE – Aos 13. Primeira masturbação?

ELA – Aos 23.

ELE – Aos 13. Primeira ejaculação?

ELA – ...

ELE – Aos 13.

Pausa.

Tudo o que é realmente importante na vida acontece aos 13.

Silêncio.

Como se chamava o teu primeiro melhor amigo?

ELA – João.

ELE – Frederico. Qual era a altura dele?

ELA – Um metro e setenta.

ELE – Era gigante, chegava ao céu. Protegia-nos a todos.

Quando viste o teu primeiro melhor amigo pela primeira vez?

ELA – Quando tropecei e ele me ajudou.

ELE – Aos 13.

Quando foi a última vez que o viste?

ELA – A semana passada.

ELE – Aos 13. Se calhar morreu, quando penso nisso nem consigo dormir. O que faço sem o meu primeiro melhor amigo?

Porque é que ele era o teu melhor amigo?

ELA – Porque ele está sempre lá quando preciso.

ELE – Porque eu decidi.

Fiz tantas coisas aos 13 que decidi descansar nos 13 anos seguintes.

Aos 13 percebi que o mundo que se abria diante mim era muito menos interessante do que o mundo que eu tinha criado e imaginado, e que a partir daí seria sempre a descer. E não me enganei.

Pausa.

Perdi a inocência da pior forma.

Tudo o que era realmente importante tinha já acontecido.

Aos 13! Porque eu decidi que seria assim.

Pausa.

O que querias ser aos 13?

ELA – Bailarina.

ELE – Eu não queria ser nada! A única coisa que queria era fazer daquele ano um marco na minha vida.

ELE *levanta-se.*

E o que é que fizeste aos 13?

ELA – Vim viver para Portugal.

ELE – Nunca culpaste os teus pais?

ELA – Estavam a proteger os filhos.

Nós vivíamos em Foz de Iguaçu, uma cidade que faz fronteira com o Paraguai e a Argentina. O meu pai tinha sido ameaçado de sequestro várias vezes e, se um dos filhos fosse sequestrado, atravessavam a fronteira e não havia nada a fazer...

ELE – Tenho uma fotografia minha em Foz de Iguaçu, no marco das três fronteiras.

ELA – É onde os rios se cruzam e mudam de cor.

ELE *redireciona a câmara.*

ELA *muda de posição.*

ELE e ELA *repetem a cena.*

ELE – Tenho uma fotografia minha em Foz de Iguaçu, no marco das três fronteiras.

ELA – É onde os rios se cruzam e mudam de cor.

Silêncio.

XIV
Revista

ELE – Com que idade apareceste pela primeira vez na capa de uma revista?

ELA *olha para a câmara.*

ELA – Aos 25.

ELE – Como é que soubeste?

ELA – O meu pai ligou-me.

ELE – Devia estar todo contente, não? A filha numa capa de revista!

ELA *tira-lhe a almofada e aninha-se na chaise longue, com a almofada entre os braços e a olhar para o público.*

ELA – Não, ele disse: “Filha, o que é que tu fizeste?!”

ELE – Como é que ele soube?

ELA – O meu irmão contou-lhe.

ELE – E como é que o teu irmão soube?

ELA – Um primo meu assinava a revista e mostrou-lhe.

ELE – O teu pai viu essa fotografia?

ELA – Não.

ELE – Tens a certeza?

ELA – Não.

ELE – E tu, como reagiste?

ELA – Só chorava.

ELE – Magoaste o teu pai?

ELA – Muito.

ELE – Não tens vergonha?

ELA – Eu gostava daquela fotografia.

Pausa.

ELE – Eu odiava aquela fotografia. Aos 26, 13+13. A minha cara numa capa de revista! Ainda bem que eles põem o teu nome para teres a certeza que és tu. Depois sai a segunda e a terceira e, de repente, já nem o teu nome reconheces.

Passaste 13 anos a não fazer nada para ficar tudo estragado num dia.

Pausa.

Não te incomoda esta luz?

ELA – Muito.

ELE *aproxima-se de outro projetor e liga uma luz ainda mais forte. Pega na câmara e muda de posição/ângulo.*

ELE – A mim também, a luz elétrica, a luz do sol. Não as suporto.

Pausa.

ELE *sente-se mal, não consegue continuar.*

Vai recomeçar.

Pausa.

Cada vez que isto me acontece, acho que vou morrer. Não tenho nenhuma razão para estar assim. A vida corre-me bem, encontrei o amor da minha vida, defendi a minha tese de doutoramento sobre um tema que não interessa a ninguém, mas defendi-a com distinção. E, no entanto...

Queres saber qual o tema da minha tese de doutoramento?

ELA *não responde.*

Vês? Não interessa a ninguém.

Silêncio.

XV

Respirar

ELE – Já te sentiste alguma vez assim?

ELA *olha para ELE, debruçada na chaise longue.*

Não olhes assim para mim.

ELE *avança para ELA, muda a orientação da câmara, fica de costas para ELA.*

Não gosto que olhem assim para mim.

Pausa.

Fiz outra coisa muito importante aos 13, respiração boca a boca.

Era um boneco que simulava uma pessoa em coma.

Estávamos em fila e tínhamos de o reanimar.

No fim, saía uma folha a dizer se tinhas conseguido ou não. Tal como no exame do código da estrada.

ELE *avança para o espelho.*

Pus os meus lábios nos lábios gelados do boneco e soprei.

ELE *sopra no espelho.*

Muito. Era estranho, parecia um beijo, mas não era um beijo. Ouvia os sons da máquina. E o bater do meu coração. A folha saiu. Eu que não sabia beijar tinha, mesmo assim, conseguido ressuscitá-lo.

Pausa.

ELE *volta-se para ELA e muda de novo a orientação da câmara.*

O que é que achas que eu quero de ti?

Silêncio.

XVI
Velório

ELE – Já pensaste na morte dos teus pais?

ELA *volta-se de costas para ELE.*

Se tivesses de escolher quem morre primeiro, quem escolherias, o teu pai ou a tua mãe?

ELE *avança para a chaise longue.*

Tens de escolher!

ELA – A minha mãe.

ELE *está de costas para ELA e olha para a câmara.*

ELE – Já pensaste na tua morte?

ELA – Quero morrer cedo, assusta-me a ideia de envelhecer, deixar de fazer tudo o que faço, depender dos outros, voltar a ser um bebé.

ELE – Queres ser enterrada ou cremada?

ELA – Cremada, não quero apodrecer.

ELE – A ideia de estar vivo e fechado dentro de um caixão, sete palmos abaixo de terra, aterroriza-me.

Pausa.

Quero ser enterrado.

ELE *caminha por trás da chaise longue.*

Que flores vais querer no teu funeral?

ELA – Rosas vermelhas.

ELE – Malmequeres!

ELE *senta-se.*

Já carregaste um andor?

ELA – Não.

ELE – É mais ou menos a mesma sensação de carregar um caixão.

Pausa.

Quero que carregues o meu caixão.

Pausa.

Achas que vais conseguir?

Pausa.

Já pensei em tudo.

Pausa.

Esperei tanto por ti, sabes.

Pausa.

Gostas desta roupa?

ELA – Acho que devias vestir-te sempre assim.

ELE – É a roupa que eu escolhi para o meu enterro. Visto-a todos os dias para me habituar. Quero estar bonito. É importante morrer bonito.

Pausa.

Eles costumam colar a boca. Às vezes não fica muito bem. E põem algodão no nariz e nos ouvidos. E um saco para reter os líquidos. Quando morremos tudo começa a sair, os líquidos e o cheiro.

Qual é o cheiro que mais gostas?

ELA – O cheiro a terra molhada. Não de cá, mas do Brasil, do Sul, onde a terra é roxa e se plantam os cafezais.

ELE – Voltaste alguma vez ao Brasil?

ELA – Sim, aos 24.

ELE – Espera.

ELE *contorna a chaise longue por trás e desloca a câmara. Coloca a câmara na posição inicial do espetáculo. Ao longo do monólogo, ELE circula nos corredores lateral e frontal.*

Recomeça!

ELA – Aos 24. Andava na Faculdade de Direito de Lisboa e já não me sentia bem, estava doente. Os meus pais foram chamados a uma consulta. O médico disse-lhes que eu tinha de parar, senão eles me perdiam. Assim que saí do consultório, disse ao meu pai que queria voltar ao Brasil e ele concordou.

Fui, então, para Pipa com a Boneca, uma amiga minha. Ficámos lá 15 dias, ela voltou para Portugal e eu segui para Natal... Arrendei um apartamento à beira-mar com piscina. Passava os dias na praia, na piscina, ia ao *shopping* fazer compras, *spa*, cabeleireiros, fazia unhas, fartei-me... Fui para Campinas, para casa de uns amigos, tinha lá uma amiga também. Saíamos muito à noite, íamos a muitas discotecas... Uma vez queríamos voltar, mas já era muito tarde e era perigoso voltar para casa de táxi. Ela viu o meu ogre e foi pedir-lhe boleia. Ele disse que sim com a condição de saber quem era a tal amiga da Europa. Ele veio ter

comigo, olhou-me de alto a baixo e disse: “Agora sim, vos dou boleia”. Desapareceu o resto da noite, eu sei bem para onde ele foi, foi levar a namorada a casa. Depois voltou e deu-nos boleia. No caminho disse que eu tinha de pagar e eu concordei. Deixou-nos em casa e, no dia seguinte, voltou para cobrar a boleia. Fomos a uma lanchonete e eu paguei-lhe o lanche mais caro, o *xis picanha*. Ele começou a vir todos os dias para me ver, mas um dia ele veio sem avisar. Eu estava de óculos e não queria que ele percebesse que eu era míope, cega, ficava horrível de óculos. Saí a correr pela casa, atirei os óculos para o sofá e fui para a porta. Olhei para um lado e para o outro, não sabia se ele estava do lado esquerdo ou do direito, os vidros das janelas do carro eram escuros, foi aí...

Pausa.

... sim, foi aí que percebi que tinha voltado a encontrar-me comigo mesma.

ELE – E depois?

ELA – Depois vim para Portugal, trouxe-o comigo, claro. Fomos passar o Natal em casa dos meus pais e depois seguimos para Lisboa.

Ainda tentei o reingresso na Faculdade de Direito, mas já não dava. Não podia continuar só para satisfazer o meu pai. Era altura de fazer o que queria.

Pausa.

Nós tínhamos muitas brincadeiras, aventuras e fantasias...

Silêncio.

Assinei um contrato de cedência total de direitos de imagem com uma produtora do Canadá. Um dia acordo, sou capa de revista: a primeira atriz porno portuguesa.

Pausa.

ELE veste o casaco, pega na gabardine e nos sapatos, que se encontram junto à cadeira onde estava sentado antes da entrada do público, e entra no espaço, desta vez pela esquina da direita.

ELE – Porque é que as fotografias dos mortos são muitas vezes do tempo em que eram jovens e não de quando morreram? Já escolheste a tua fotografia?
ELA *senta-se*, ELE *coloca a gabardine na chaise longue.*

As pessoas chegam à casa mortuária e dizem: “Morreu bonito”. Muitas vezes, quando as pessoas morrem, fazem caretas e ficam feias.

ELE *coloca os sapatos dela no chão.*

Até para morrer é preciso ter sorte.

Pausa.

Quero morrer bonito. Quero que as pessoas digam que eu morri bonito. Preferia que as pessoas não conversassem.

ELE *ajuda-a a vestir a gabardine.*

No funeral da minha avó as pessoas conversaram muito. Gravei tudo no telemóvel.

Não permitas que usem telefones para falar, tirar fotografias ou gravar, por favor. O funeral é um ritual sagrado e não uma *vernissage*.

ELA – Nunca fui a um funeral.

ELE *dá-lhe os óculos escuros.*

ELE – Acho que vou mais a funerais do que a casamentos. Não perco um.

Pausa.

Vou ensinar-te o que tens de fazer antes de carregares o meu caixão.

ELE *direciona a câmara, vai para o fundo da cena e dá início à apresentação.*

Chegas à casa mortuária, diriges-te ao caixão, pegas na espátula com água benta e fazes o sinal da cruz.

Ficas 30 segundos a orar ou a fazer de conta. Não fiques mais tempo porque parece exagero, menos também não porque parece que não estás comprometida. 30, nem mais, nem menos.

Pausa de 30 segundos.

A seguir, tens de dar os sentimentos aos familiares. Começas pela ala da direita, da esquerda para a direita. Se a família é organizada e rigorosa, e a minha é, todos estarão sentados por ordem decrescente de importância.

ELE *olha para o público da ala direita.*

Cônjuge, o meu pai, a minha mãe...

Pausa.

Tem cuidado com os meus pais, de certeza que não vão estar bem.

... O meu irmão, e por aí em diante.

Depois fazes uma pequena vénia quando passas outra vez pelo caixão.

Não exageres! E vais para a ala esquerda.

ELE *dirige-se à ala esquerda.*

Nesta ala tens os primos afastados e amigos da família. Não precisas de dar tanta atenção, mas ainda assim precisas de dar atenção. No final, terás umas cadeiras livres onde te poderás sentar e, sobretudo, conversar. Sorri, mas evita rir, por favor.

A conversa é interrompida porque há sempre alguém que quer rezar o terço. Demora aproximadamente 15 minutos porque são cinco mistérios e depende de quem lidera, mas a seguir não te preocupes porque poderás retomar a conversa.

Esqueci-me do mais importante. Depois de teres lançado água benta, levantas o lenço de linho que cobre a minha cara e dizes, de maneira a que toda a gente oiça, “morreu bonito”. É importante que digas “morreu bonito”, não te esqueças.

ELE *senta-se na cadeira.*

ELA *reproduz todos os gestos, a começar pela entrada na casa mortuária.*

Vai ter com o público da ala direita para dar as condolências.

ELA (*olha para ELE e pergunta*) – O que é que digo?

Pausa.

ELE – Está melhor do que nós.

ELA – Está melhor do que nós.

ELA *faz uma vénia frente ao caixão imaginário.*

ELE – Menos.

ELA *faz uma vénia mais discreta.*

Melhor.

ELA *levanta o lenço de linho imaginário, olha para o público e diz:*

ELA – Morreu bonito.

No fim, ELE cede-lhe a cadeira onde estava sentado.

ELA *senta-se.*

ELE – Voltas no dia seguinte. Hoje em dia já ninguém fica a velar o morto a noite toda. Ficam com sono, à espera que os outros se levantem para que se possa fechar a casa mortuária. Ninguém quer ser o primeiro. Fica mal.

Como estava a dizer, no dia seguinte, repetes a cerimónia. Diriges-te ao caixão, espátula, 30 segundos.

Pausa de 30 segundos.

Não repitas que morri bonito.

Como já conheces as pessoas, podes ir de imediato sentar-te.

Por fim, chega o padre e diz: “Podem despedir-se dele”.

Pausa.

Nunca se está preparado para os gritos. Nesse momento, as pessoas gritam. E é nessa altura que pegas no caixão. Pronto, basicamente é isto, não é muito difícil, pois não?

Pausa.

Gostaria que da casa mortuária até ao cemitério tocassem o *Avé Maria* de Caccini, que não é de Caccini, mas de Vavilov, mas isso quase ninguém sabe. Conheces?

ELA – Não.

ELE – Queres ouvir?

Silêncio.

E gostaria que as pessoas caminhassem até ao cemitério em silêncio. Prometes-me que as pessoas vão caminhar em silêncio?

ELA *caminha em silêncio até à câmara. Fica frente a ELE.*

Pausa.

Porque é que nos filmes as cenas de funerais são sempre à chuva?

ELA – Os guarda-chuvas ficam lindos no enquadramento.

ELE – Oxalá chova no meu.

Pausa.

Porque desististe de fazer filmes pornográficos? Não era o que gostavas de fazer?

ELA – Era.

ELE – E porque desististe de Direito? Não era o que o teu pai queria?

ELA – Era.

ELE – E porque desististe do *ballet*? Não era o teu sonho de criança?

ELA – Era.

ELE – Tinhas talento?

ELA – As pessoas diziam que sim.

ELE – Acreditaste nelas?

ELA – Sim.

ELE – Olha à tua volta.

ELA *olha para o público.*

As pessoas estão sempre a mentir.

ELA – Tu mentes?

Pausa.

ELE – Já pensaste em desistir de tudo?

ELA – De tudo?

ELE – De tudo.

ELA – Já.

ELE – Eu nunca desisto de nada, nunca. Sou um
cobarde.

Silêncio.

XVII
Promessa

ELE – Estou a pensar... Porque é que temos as mãos assim? Achas que é para rezar à minha alma ou para proteger o sexo?

ELA – Não sei.

ELA assume a posição dele, atrás da câmara e ELE a dela. ELE deita-se na chaise longue e enrola o cabelo no indicador. ELA sai da área de representação e fica na esquina lateral esquerda.

ELE – Sabes rezar?

ELA – Sei.

ELE – O quê?

ELA – O Pai Nosso.

ELE – Só?

ELA – Avé Maria.

ELE – Quem te ensinou?

ELA – O meu pai.

ELE – Rezas por ele?

ELA – Eu nunca rezo.

ELE – Ele reza por ti?

ELA – Todos os dias, à porta do meu quarto. Para espantar os meus demónios.

ELE – E consegues?

ELA – Não.

Pausa.

ELE – Já fizeste alguma promessa?

ELA – Que não voltaria a fazer o que magoa o meu pai. Não quero que saia na rua e que as pessoas o maltratam.

ELE – E vais cumprir?

ELA – Sim.

ELE – Tens a certeza?

ELA – Absoluta.

ELE – Mesmo depois de ele morrer?

ELA – O meu pai nunca vai morrer.

Silêncio.

XVIII

Bruno

ELE – Foi o teu pai que escolheu o teu nome?

ELA – Não, foi a minha mãe.

ELE – Se fosses tu a escolher, que nome escolherias?

ELA – O mesmo, porque é o nome do meu pai.

Pausa.

ELE – Quais as alcunhas que tiveste?

ELA – Boneca, Princesa, Manteiga Derretida, Maria Mijona, Nina.

ELE – De qual gostas mais?

ELA – Nina.

ELE – Eu gosto mais de Maria Mijona.

Pausa.

Preferes Séverine ou Nina?

ELA – Nina.

ELE – Achas que tenho cara de quê? Que mania de dar o nome às crianças sem ver a cara! Depois dá nisto! Como gostarias que eu me chamasse?

ELA – Bruno.

ELE – Bruno, Bruno, Bruno, Bruno, Bruno.

XIX
Séverine

ELE *desliza na chaise longue com a almofada entre os braços, na posição de morto num caixão.*

ELE – Já pensaste que nunca mais estaremos assim tão próximos...?

Pausa.

Porque é que quando somos crianças temos medo do escuro?

ELA – Eu não tinha medo.

ELE – Canta-me uma canção de embalar.

ELA – Já não há tempo. Sentes-te melhor?

ELE – Lembras-te daqueles domingos em que acordávamos e íamos a correr para a cama dos nossos pais? E depois ficávamos a manhã inteira a ver desenhos animados?

ELA – Eu tinha de ir à missa com o meu pai. Só depois é que podia ver os desenhos animados.

XX
I Can't Breathe

ELE *ergue-se e dá seguimento ao jogo.*

ELE – O que é que tu queres do Bruno?

ELA – Nada.

ELE – O que é que o Bruno tem de fazer para ser igual à Séverine? Não te importas que continue a chamar-te Séverine?

ELA – Não. O Bruno tem de fazer o que a Séverine faz. O que é que o Bruno está disposto a fazer?

ELE – O Bruno faz o que a Séverine fizer.

ELA – É?

ELE – Sim.

ELA – Então a Séverine pede ao Bruno para se chegar à frente.

ELE – Onde?

ELA – Ali.

ELE – Aqui?

ELA – Sim.

ELE *está no centro, mesmo à frente da câmara.*

Agora o Bruno despe-se e masturba-se.

ELA *olha para o público.*

Para eles.

ELA caminha atrás do público e desliga as luzes dos projetores. ELE fica impávido. ELA desliga o último projetor. A única luz é a da câmara de filmar. ELE direciona a câmara para o sexo dele. Ainda está vestido. ELE começa a despir-se. Casaco, gravata, sapatos, meias. Abre a braguilha. Olha para o público e desliga a luz da câmara. Escuro.

FIM

Bibliografia

BIRKIN, J, GAINSBOURG, S.(1969). *Je t'aime moi non plus*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k3Fa4lOQfbA>

BUÑUEL, L. (Realizador) (1967). *Belle de Jour*. France: Valoria Films.



DAMAS DA NOITE
UMA FARSA DE
ELMANO SANCHO

(2019)

| Texto de ELMANO SANCHO





Fotografia pág. 88: Pedro Simões *aka* Filha da Mãe,
Elmano Sancho e Dennis Correia *aka* Lexa Black
(Cartaz do espetáculo)

Fotografia págs. 99 e 91: Dennis Correia *aka* Lexa Black e
Pedro Simões *aka* Filha da Mãe (Fotografia de cena)

Damas da Noite, uma farsa de Elmano Sancho evoca a conflituosa reviravolta de expectativas em torno do nascimento do autor – os pais esperavam uma menina, de nome já destinado, Cléopâtre, mas nasceu um menino. Para dar vida a esse outro desejado de si mesmo, como se este fosse uma espécie de duplo e existisse numa realidade paralela, o autor imergiu no mundo fascinante e provocador do transformismo. Os artistas transformistas vestem a pele de um outro, tentam ser um outro. São flores que abrem de noite, intérpretes de uma transformação pautada pela transgressão, o desconforto, a ambiguidade, a brutalidade dos corpos e a violência das emoções. Através dessa interpretação paradoxal da diferença, *Damas da Noite, uma farsa de Elmano Sancho* explora a presença ou ausência de fronteiras entre realidade e ficção, ator e personagem, homem e mulher, teatro e performance, tragédia e comédia, original e cópia, interior e exterior, dia e noite. Nesse jogo de relações, aposta-se a identidade como matéria fluida, rimbaudiana, revelando o outro que somos, o estrangeiro que albergamos.

O espetáculo estreou no TECA/TNSJ a 9 de maio de 2019.

AUTORIA | Elmano Sancho

INTERPRETAÇÃO | Elmano Sancho, Dennis Correia
aka Lexa Black, Pedro Simões *aka* Filha da Mãe,
Marie Carré (em vídeo).

ASSISTÊNCIA À ENCENAÇÃO | Paulo Lage

CENOGRAFIA | Samantha Silva

DESENHO DE LUZ | Alexandre Coelho

FOTOGRAFIA | Sofia Berberan

FIGURINO DE ELMANO SANCHO | Olga Amorim

FIGURINO DE FILHA DA MÃE | Guilherme Gamito

FIGURINO DE LEXA BLACK | Dennis Correia e
João Maria Oom

PRODUÇÃO EXECUTIVA | Nuno Pratas

PRODUÇÃO | Loup Solitaire

COPRODUÇÃO | TNDMII, TNSJ e Casa das Artes de
Vila Nova de Famalicão, Culturproject.

M/16

Projeto apoiado pela República Portuguesa-Cultura/
Direção-Geral das Artes.

O cenário é composto por painéis de acrílico opalino que ocupam o fundo da cena. Ao centro, uma entrada com umas escadas que divide os painéis em partes iguais. Ao fundo, um voile branco. A parte da representação propriamente dita e anterior aos painéis é ocupada por FILHA DA MÃE (FDM)/DJ, que põe música na direita alta enquanto o público entra. No palco, 3 tripés (2 com microfones de mão; o terceiro microfone está atrás de um dos painéis), uma mesa de acrílico com material de som e um microfone de mesa. À esquerda, um baloiço de acrílico suspenso por correntes, à direita 3 correntes que servem de cabides e que descem da teia até ao chão.

Anúncio de sala. Escuro. As luzes mudam. FILHA DA MÃE (FDM)/DJ põe as músicas para a sua apresentação. A seguir, LEXA BLACK, outra Drag Queen, entra e faz a sua apresentação ao som de várias músicas da atualidade. Estamos perante um show drag que dura o tempo da entrada do público. Por fim, FDM interrompe abruptamente a música.

I

Ouve-se em off a voz gravada de um HOMEM que se encontra nos bastidores.

HOMEM (*off*) – A minha mãe está grávida. Espera uma menina. O meu pai escolhe o nome. Cleópâtre.

O HOMEM entra em cena. Para no cimo das escadas, ao centro. A luz sobe aos poucos e ilumina-o. Ele está de perfil com a cabeça inclinada para trás, o braço levantado, segurando o microfone.

Continua a ouvir-se em off a voz dele.

HOMEM (*off*) – Duas. Não o fiz mais do que duas vezes. Já tinha pelos púbicos. Com 10 anos, já tinha pelos púbicos. Mas não foi aos 10. O corpo era mais o de um homem do que o de uma criança...

As cuecas nos tornozelos. O pénis escondido entre as pernas. No espelho, a imagem fugaz do corpo de uma mulher.

Não pintei os lábios. Não calcei sapatos de salto alto. Não vesti a roupa da minha mãe. O pénis escondido entre as pernas e a mão a descobrir e a acariciar o novo sexo.

II

FDM *olha para o* HOMEM.

FDM – Darias uma bela mulher.

O teu olhar é suave e malicioso.

E erótico.

Quando olhas para alguém, não estás apenas a olhar,
estás a pensar também.

E isso é...

Pausa.

As proporções do teu rosto são pequenas.

Os teus olhos são pequenos.

A tua boca é pequena.

O teu nariz é...

Olha para o HOMEM *e sorri.*

O teu nariz não é pequeno.

O HOMEM *olha para* FDM.

Quando sorris as maçãs do teu rosto são gordas.

Tens sorte. Não precisas de *botox*, só precisas de sorrir.

Pausa.

Tens pouco espaço entre os olhos e as sobrancelhas.

Vamos ter de tapar as sobrancelhas com sabão azul e
branco para abrir o teu olhar.

Ou rapar uma parte das sobrancelhas para dar mais altura...

Pausa.

O segredo está em maquilhar um rosto feminino num rosto de homem.

Pausa.

Os homens comportam-se como mulheres quando se veem maquilhados pela primeira vez.

(Para o público) Não me perguntem porquê. É assim.

Pausa.

FDM *olha para o HOMEM e depois pergunta ao público.*

Loira, ruiva ou morena?

Antigamente todas queriam ser loiras.

Queriam ser a Marilyn.

FDM *reproduz alguns gestos de Marilyn Monroe, desloca-se para a direita baixa e canta: I wanna be loved by you, just you, nobody else but you, I want be loved by you, alone, pooh, pooh bee doo...*

HOMEM – Quando era criança tinha os lábios salpicados de sardas por causa do sol.

FDM *(olha para o HOMEM)* – Ruiva.

FDM *regressa à mesa de som.*

HOMEM *desce as escadas, dirige-se para a esquerda média, põe o microfone no tripé.*

III

FDM – Como é que ela se vai chamar?

HOMEM – Cléopâtre.

FDM – Cléopâtre?

HOMEM – “Glória do pai” em grego.

FDM – É difícil de dizer.

HOMEM – É por causa do *p* e do *t*.

FDM – E do *r*, também.

HOMEM – Sim, e do *r*.

FDM – Enrola muito a língua.

Pausa.

Porque não escolhes um nome em inglês?

Alexis Arquette¹.

HOMEM – Não.

*O HOMEM aproxima-se, com o microfone na mão,
da mesa de som onde se encontra FDM.*

FDM – Jackie Curtis.²

HOMEM – Não.

FDM – Candy Darling³.

HOMEM – Não.

FDM – Marsha Johnson⁴.

HOMEM – Não.

FDM – Mandy Fox.

¹ Alexis Arquette (1969-2016) foi uma atriz transexual e *drag queen* norte-americana.

² Jackie Curtis (1947-1985) foi um atriz transexual norte-americana.

³ Candy Darling (1944-1974) foi uma atriz transexual norte-americana.

⁴ Marsha Johnson (1945-1992) foi uma *drag queen* e ativista pela libertação gay norte-americana.

Com três *x* no final. A triplicação das consoantes no final do nome está muito na moda.

HOMEM – Cléopâtre.

FDM – Repara, nós somos sedutores, existimos para que eles, vocês, se libertem!

(Para o público) Quando entramos em cena, vocês gritam por nós, admiram-nos, amam-nos, querem foder-nos!

Vocês vão querer foder alguém que se chama Cléopâtre?

(Para o HOMEM) – Achas que eles vão querer foder alguém que se chama Cléopâtre?

HOMEM – Foi o nome da mulher que dominou dois homens.

FDM – E que se suicidou.

FDM *avança até o HOMEM, retira-lhe o microfone das mãos, empurra-o para trás da mesa de acrílico e ocupa a central baixa.*

(Para o público) Querem saber com que personagem comecei?

FDM *reproduz gestos da personagem.*

Pausa.

Todas as pessoas que me viram atuar elogiaram-me, disseram-me que eu estava muito parecido com ela, que tinha incarnado a Lydia Barloff⁵! Eu só a tinha visto num vídeo, o Rosado⁶ já tinha morrido.

Pausa.

Ele enforcou-se com os *collants* da própria personagem.

Pausa.

Uma vez sonhei que estava na casa de banho frente ao espelho a apertar o meu pescoço com uns *collants*.

Pausa.

Desde então, tenho pânico de morrer. Já desmaiei duas vezes. Acordei no hospital, com as luzes do teto a baterem-me na cara e com gente desconhecida à minha volta, a falar de mim, como se eu estivesse morto. Entre o momento em que desmaiei e acordei não houve nada. Nem uma imagem, nem um som, nada!

Pausa.

A morte pode bater a qualquer momento e não existe nada do outro lado!

Pausa.

Tenho pânico de morrer e escolhi esta profissão. É curioso, não é?

O nome Cléopâtre vai trazer-te má sorte.

⁵ Lydia Barloff - Personagem criada por José Manuel Rosado.

⁶ José Manuel Rosado (1952-2002) – transformista português, artista de teatro e televisão.

HOMEM – Foi o nome escolhido pelo meu pai.

FDM – Sabes como escolhi o meu?

HOMEM – Não.

FDM *recua para a esquerda média onde se encontra um dos tripés. Coloca o microfone no tripé.*

Após muitas horas em trabalho de parto, desesperada e cansada, a minha progenitora gritou: “Esta filha da mãe custou a sair!”

HOMEM – É assim que te chamam, Filha da Mãe?

Pausa.

É original, mas não é inglês.

FDM – Põe ao menos um *h* pelo meio, ou dobra uma consoante.

HOMEM – Cléopâtre.

Sem artifícios.

FDM *aproxima-se do HOMEM que se encontra atrás da mesa de acrílico. O HOMEM afasta-se e vai para a direita baixa, junto ao tripé.*

E sem mamas postiças.

FDM – Tábuia rasa?

HOMEM – Preciso de ter mamas para ser mulher?

FDM – Um dos prazeres de estar montada é ter mamas!

Pausa.

Não querias construir uma mulher como deve ser?

HOMEM – O que é uma mulher como deve ser?

FDM – Uma mulher com mamas, com curvas, sem pelos.

HOMEM – Tu tens pelos.

FDM – Eu não sou uma mulher.

HOMEM – És um homem?

FDM – Ai, não.

HOMEM – És o quê, então?

FDM – Sou um homem vestido de mulher.
Ou uma mulher com o semblante de um homem.

Silêncio.

IV

FDM – Pensaste numa história para a tua Cléopâtre?

HOMEM – Uma história?

FDM – Algumas *queens* gostam de ter um passado para a sua persona.

HOMEM – Tu tens?

FDM – Sim.

FDM *desloca-se para o tripé que se encontra na esquerda média.*

A Filha da Mãe gostaria de ser uma menina da rádio, mas até para trabalhar na rádio é demasiado feia.

Tem esta pilosidade no rosto e, como não tem género definido, vive à margem da sociedade.

É carrancuda, divertida, trôpega, anda muitas vezes só com um salto, não tem ancas postiças, tem os ombros largos e, quando lhe apetece, tem *donuts* no lugar das mamas.

O HOMEM *pega no microfone e aproxima-se de* FDM.

HOMEM – Nasceu em 94.

FDM – Tem alma de velha, mas ainda é jovem, sim.

HOMEM – A Cléopâtre nasceu em 94.

FDM – Com essas rugas nos olhos?

HOMEM – Posso ser quem eu quiser, certo?

FDM – Nem com um quilo de maquilhagem passarias por uma mulher de 25 anos.

Pausa.

HOMEM – 85?

Pausa.

82?

FDM *encaminha-se para a mesa de som/acrílico.*

1980!

O HOMEM vai com o microfone na mão para a esquerda baixa, junto ao público.

FDM – Onde?

HOMEM – Em Lisboa.

FDM – Podes escolher qualquer sítio do mundo e escolhes Lisboa? Ai, que pobreza.

HOMEM – São Paulo?

FDM – Por causa da Pablio Vittar? Anda tudo maluco com a bicha da voz fininha.

HOMEM – Paris?

FDM – Escolhe o que quiseres.

HOMEM – Nova Iorque.

FDM – Em que ficamos?

HOMEM – Nova Iorque.

FDM – Quem são os teus pais?

HOMEM – Um casal *trans*.

FDM – É preciso uma pachorra para te aturar.

HOMEM – Não pode ser?

FDM – Pode tudo, até um pai elefante e uma mãe macaca, se quiseres.

HOMEM – O meu pai é a minha mãe e a minha mãe é o meu pai.

FDM (*para o público*) – Toda a gente percebeu?

Pausa.

Irmãos?

HOMEM – Os meus pais não puderam ter mais filhos. Pouco tempo depois de eu nascer, a minha mãe

passou a ter pênis e o meu pai vagina.

E não conseguiram adotar crianças.

FDM – E o nome Cleópâtre?

HOMEM – O meu pai gosta da Claudette Colbert.

FDM – Quem é essa bicha?

HOMEM – A atriz que fez o filme “Cleópatra”.

FDM – Não foi a Liz Taylor?

HOMEM – Também.

Pausa.

FDM – O teu pai?

HOMEM – Sim.

FDM – O que era a tua mãe?

HOMEM – Sim.

Pausa.

FDM – E a Cléopâtre sabe falar português porque...

HOMEM – É poliglota, viciada em literatura estrangeira e em cinema.

FDM – Pode ser burrinha também, não é mal nenhum.

HOMEM – Aprendeu francês com o Georges Bataille e a Catherine Breillat, espanhol com o Bigas Luna e a Angelica Liddell, italiano com o Fellini e o Pasolini, e português... com o Manoel de Oliveira.

FDM – O Manoel de Oliveira?

HOMEM – Viu muitos filmes dele no cinema. Sozinha, numa sala vazia.

FDM – Ai filha, não sei se vais ter muito sucesso como *drag*...

HOMEM – Gostaria que ela falasse as línguas semíticas etiópicas e as línguas extintas como o parta.

FDM – Para falar com quem?

HOMEM – E que se interessasse por política, emigração e as questões ambientais, como o aquecimento global.

Pausa.

Mas a Cléopâtre é americana...

Tem origem francesa, mas não deixa de ser americana.

Norte-americana.

Dos Estados Unidos da América.

FDM – Acho que já toda a gente percebeu.

Pausa.

E o que é que a Cléopâtre tem para dizer ao mundo?

O HOMEM caminha para a direita baixa em direção ao outro tripé. Quando vai para responder, LEXA BLACK entra.

V

Entrada de LEXA BLACK pelo centro, desce as escadas e interpreta o papel de Ofélia em “Hamlet” de

William Shakespeare. Esta é a única cena do espetáculo interpretada sem microfones.

*LEXA BLACK – Foi no caixão, sem véu sobre o rosto.
Sobre a campa, chorou meu desgosto.*

Vai em paz, minha pomba.

Devias cantar ‘abaixo, abaixo’, e chamar-lhe rebaixado. [...]

Ah, é como diz a cantiga.

Foi o criado falso que roubou a filha do senhor.

Toma rosmaninho, é para a saudade.

Querido, peço que te lembres, isto são amores perfeitos para os teus pensamentos.

Para ti [...], funcho e papoilas.

[...] Para ti, arruda e também alguma para mim.

Podemos chamar-lhe erva santa dos domingos.

Está aqui um malmequer.

Gostava de vos dar violetas, mas secaram todas quando o meu pai morreu.

Dizem que teve uma boa morte. [...]

Será que não volta mais?

Será que não volta mais?

VI

LEXA BLACK – Por esta altura, devem estar a perguntar-se... Que pessoas são estas?

Desloca-se até ao microfone que está na esquerda média.

São homens?

São mulheres?

São homens que querem ser mulheres?

São homossexuais com peruca?

São prostitutas?

São travestis?

São o quê?

Pausa. Avança para o microfone que está na esquerda baixa.

Não me apresentei. Desculpem.

Eu sou... preto, gay e *drag*.

É assim que me veem, não é?

Como preto, gay e *drag*?

É o que eu sou.

E como é ser preto, gay e *drag*?

É ser preto, gay e *drag*.

Pausa.

Ser preto, gay e *drag* é, por si só, um ato político.

É lutar todos os dias para ter uma voz ativa.

Pausa.

Todos nós já convivemos com pretos e gays.

Mas, para alguns, é a primeira vez que estão diante de uma *drag*.

Pausa.

E o que é ser uma *drag queen*?

É tirar tempo das nossas vidas para pensar numa personagem credível.

Pausa.

Nós, *drags*, não podemos ser preguiçosos nem acomodados, caso contrário não seríamos *drags*.

Pausa.

Estamos na linha da frente para o que der e vier, prontos para desafiar todos os preceitos e convenções.

Sabemos quando devemos falar e, quando falamos, sabemos o que estamos a dizer e porquê.

Pausa.

Abdicámos do nosso lugar privilegiado de homem para sermos julgadas pela nossa aparência.

É o nosso papel como *drag queen*.

Pausa.

Algumas pessoas acham que somos loucos e doentes, outras que somos maravilhosas. Elas, vocês, ficam confusos, não sabem quem somos.

Eu explico: somos duas pessoas numa só. Misturamos o masculino e o feminino, trocamos o ele por ela e o ela por ele.

Pausa.

Habitamos o lugar do medo e do desconhecido, onde tudo pode acontecer. Onde se pode ser verdadeiramente livre.

Pausa.

Somos as fadas e as rainhas da nossa comunidade.

Pausa.

Não me apresentei, desculpem.

Eu sou... (FDM *coloca música*) Lexa Black, uma construção do Dennis, o ator que, há pouco, interpretou a loucura de Ofélia, aqui neste palco; o rapaz preto, gay e *drag* que gosta de ser homem, seja lá o que isso for.

LEXA BLACK *dança.*

LEXA BLACK *recua até ao microfone na esquerda média.*

Bianca Rush?

FDM – Chegaste tarde.

LEXA BLACK (*para o HOMEM*) – Não gostas?

FDM – Ele já decidiu.

HOMEM – Cléopâtre.

FDM e LEXA BLACK *cruzam-se no centro, dão as mãos, sobem as escadas e saem pelas laterais.*

Silêncio.

VII

LEXA BLACK (*off*) – Como é que ela é?

Ouvimos a voz de LEXA BLACK e vemos a sombra do corpo dela no acrílico da direita alta.

Tudo o que não gostas em ti desaparece. E tudo o que reprimes em ti existe nela.

Já viste a sorte que temos? Podemos ser quem quisermos. Podemos escolher o corpo, a voz, os gestos, o comportamento, os gostos, o carácter, as qualidades, os defeitos, a vida, tudo!

Pausa.

LEXA BLACK *volta a aparecer ao centro com um novo outfit e peruca.*

Como é que ela é?

HOMEM – É extrovertida.

LEXA BLACK *desce as escadas.*

LEXA BLACK – A primeira memória?

HOMEM – O cheiro da água de rosas da mãe.

LEXA BLACK – O que a trouxe até aqui?

LEXA BLACK *avança para a esquerda baixa e o*

HOMEM *para a esquerda média.*

HOMEM – O pai.

LEXA BLACK – E o que vai fazer quando sair daqui?

HOMEM – Vai regressar à solidão do seu quarto.

LEXA BLACK – Porque é que ela tem de ser tão triste?

HOMEM – Tem de ser gay?

LEXA BLACK – Como disseste que era extrovertida...

HOMEM – É extrovertida e triste.

Pausa.

LEXA BLACK – Tem conta no banco?

HOMEM – Não.

LEXA BLACK – Carta de condução?

HOMEM – Não.

LEXA BLACK – Cartão de Cidadão?

HOMEM – Não.

LEXA BLACK – Passaporte?

HOMEM – Não.

LEXA BLACK – *Instagram?*

HOMEM – Não.

LEXA BLACK – Como é que ela existe, então?

LEXA BLACK *avança para a direita baixa.*

HOMEM – Ela ainda não existe.

Estou a incubá-la.

Não no útero, que não tenho.

Nem na coxa, como Zeus fez com Dionísio.

Mas na orelha direita.

Quando eu menos esperar, ela rebentará e expelirá pedaços de mim.

O meu pénis começará a gangrenar, a pele a estalar.

Do homem que sou, pouco ou nada restará; ela emergirá dos meus escombros, mais forte e determinada do que a versão fragilizada, covarde e masculina de mim.

LEXA BLACK – E o que é que a Cléopâtre tem para dizer ao mundo?

VIII

LEXA BLACK *vai até à mesa de acrílico e fala ao microfone de mesa com tom mais grave.*

LEXA BLACK – Porque é que não escolheste mulheres para te ajudar?

Silêncio.

Quantas vezes te vestiste de menina na tua infância?

Silêncio.

Todos nós já vestimos alguma coisa da mãe, da prima ou da avó.

Silêncio.

Bonecas?

Silêncio.

Brincaste com bonecas, certo?

Silêncio.

Alguma vez pintaste os lábios?

Silêncio.

Os olhos?

Silêncio.

As unhas?

Silêncio.

Podes explicar-me como é que vais conseguir construir a tua persona?

HOMEM – O pénis. O pénis escondido entre as pernas e a mão a descobrir e a acariciar o novo sexo.

LEXA BLACK – Que interessante.

IX

LEXA BLACK *volta a utilizar o tom mais agudo.*

LEXA BLACK – Bom, vamos escolher o teu repertório. Pode ser que assim consigas definir melhor a tua persona.

(Para o público) Quais são as referências musicais da Cléopâtre?

Já sei!

LEXA BLACK põe “*Mourir Sur Scène*”, de Dalida⁷.
Sombra de FDM a fazer lipsync atrás do painel da esquerda alta.

Moi, je veux mourir sur scène

Devant les projecteurs

Oui, je veux mourir sur scène

Le cœur ouvert tout en couleurs

Mourir sans la moindre peine

Au dernier rendez-vous

Moi, je veux mourir sur scène

En chantant jusqu’au bout

LEXA BLACK *interrompe a música.*

⁷Dalida (1933-1987) – Cantora e atriz egípcio-francesa, descendente de italianos.

LEXA BLACK – Afinal é melhor não, ela também se matou.

Pausa.

Temos de nos inspirar no universo feminino de hoje e não no do século passado.

Já sei! E esta ainda não se matou. Ainda...

Põe a música “Donatella”, de Lady Gaga⁸.

Dança, faz lipsync e ensina o HOMEM a dançar. O HOMEM tenta, sem sucesso, reproduzir os gestos de LEXA BLACK.

FDM entra.

FDM (*para o HOMEM*) – Não te preocupes, nós vamos ajudar-te com tudo!

Lexa, *lipsync!*

FDM *vai para a direita baixa e LEXA BLACK para a esquerda baixa.*

LEXA BLACK – Se tiveres uma branca dizes “ibm ibm, chá com torradas, super pop”.

LEXA BLACK e FDM *cantam a canção de Lady Gaga com esta letra.*

⁸ Lady Gaga (1986 -) – Cantora e compositora norte-americana.

FDM – Ou então: “*water melon, bubble gum*”.

LEXA BLACK e FDM *cantam a canção de Lady Gaga com esta letra.*

Aproximam-se do HOMEM e os três fazem uma coreografia/um número ao som da canção de Lady Gaga. O HOMEM consegue aprender e reproduzir a coreografia e acompanhar LEXA BLACK e FDM. No fim deste momento, FDM dirige-se ao microfone da direita baixa. O HOMEM regressa à mesa de som. LEXA BLACK dirige-se ao microfone da esquerda baixa.

FDM – Funciona sempre!

LEXA BLACK – Em situações de emergência, quando já tentaste de tudo e nada resultou: drama!

LEXA BLACK e FDM *dirigem-se à central baixa e revelam os seus truques.*

FDM – Cabelo!

LEXA BLACK – Costas!

FDM – Mãos!

O HOMEM está junto à mesa de acrílico e interrompe a música.

HOMEM – E se mesmo depois disto tudo nada funcionar?

LEXA BLACK e FDM estão na central baixa, frente ao público.

LEXA BLACK – Vamos ajudar-te na roupa.

FDM – E na maquilhagem...

LEXA BLACK – ... e nos gestos.

FDM – Quem é o teu público?

Estas pessoas aqui?

É muito fácil.

O que acontece se não as souberes entreter?

Adormecem ou vão embora.

Ninguém te vai insultar ou atirar uma garrafa à cara.

Elas não estão alteradas pela droga ou pelo álcool.

Ninguém vai querer apalpar-te à força.

Se perguntares a alguém de onde é, ninguém te vai responder que é da cona da tua mãe.

(Pergunta ao público) – De onde é?

FDM *espera a resposta do público.*

FDM e LEXA BLACK *olham para o HOMEM.*

LEXA BLACK – As pessoas que nos visitam não têm filtros, se não gostam do que fazemos atiram-nos o descontentamento à cara, estão até dispostas a tratar-nos mal! Algumas separaram-se, outras perderam um ente querido. Vêm ter connosco para esquecer. Querem sorrir connosco, cantar connosco, dançar connosco, emocionar-se connosco.

FDM – O importante é teres coragem!

LEXA BLACK – Tens?

FDM e LEXA BLACK *olham para o HOMEM.*

O HOMEM está a tentar sair de cena.

Silêncio.

Não basta pôr uma peruca, um vestido e calçar sapatos de salto alto para especular sobre a natureza feminina.

FDM – Vamos anular aquilo que tu és.

FDM e LEXA BLACK *fazem sinal ao operador de luz para desligar as luzes.*

Escuro.

O HOMEM *sai.*

X

LEXA BLACK (*para o público*) – Como é que a imaginam?

Ouvem-se passos. LEXA BLACK e FDM caminham no escuro até às escadas (central alta) com os microfones. Sentam-se.

FDM – Tom da pele?

Entrada de luz.

LEXA BLACK – O dele.

FDM – Olhos?

LEXA BLACK – Grandes.

FDM – Lentes?

LEXA BLACK – Amareladas ou esverdeadas.

FDM – Pestanas?

LEXA BLACK – Compridas e densas.

FDM – Sobrancelhas?

LEXA BLACK – Desenhamos outras mais acima para abrir o olhar.

FDM – Nariz?

LEXA BLACK – Muito fino e bem delineado.

FDM – Lábios?

LEXA BLACK – Carnudos.

FDM – Cor?

LEXA BLACK – Vermelho com cinza para não ser muito brilhante.

FDM – Maçãs do rosto?

LEXA BLACK – Muito subidas.

FDM – O que fazemos com o queixo?

LEXA BLACK – Não sei.

FDM – E com as orelhas?

LEXA BLACK – Cortamos.

Risos.

FDM – Brincos?

LEXA BLACK – Pequenos.

FDM – Óculos?

LEXA BLACK – Não.

FDM – Chapéu?

LEXA BLACK – Não.

Levantam-se e avançam.

FDM – Unhas?

LEXA BLACK – Cor de pérola.

FDM – Anéis?

LEXA BLACK – Finos. E pulseira também.

FDM – Colares?

LEXA BLACK – Muitos, para dar várias voltas ao pescoço.

Viram-se uma para a outra.

FDM – Mamas?

LEXA BLACK – Médias.

FDM – Enchimento para os quadris?

LEXA BLACK – Não.

FDM – Enchimento para o rabo?

LEXA BLACK – Não.

FDM – Magra?

LEXA BLACK – Sim.

FDM – Figurino?

LEXA BLACK *avança para a esquerda baixa e*
FDM *para a direita baixa.*

LEXA BLACK – Vestido esvoaçante que nunca mais
acaba.

FDM – Vermelho?

LEXA BLACK – Branco.

FDM – É muito sacrificial.

LEXA BLACK – Cor de rosa pastel?

FDM – Usarias?

LEXA BLACK – Achas?

FDM – Sapatos?

LEXA BLACK – Salto alto.

FDM – Postura base?

LEXA BLACK – A quinta posição?

FDM – Braços?

LEXA BLACK – Um mais acima e outro mais abaixo para ser assimétrico.

FDM – O andar?

LEXA BLACK – Vejo-a a anunciar para onde vai, o gesto antes, o olhar depois e, por fim, a cabeça. E pisca os olhos para mudar de direção.

FDM – Sorriso?

LEXA BLACK – Obrigatório.

FDM – Verdadeiro?

LEXA BLACK – Noventa por cento do meu sorriso é falso.

FDM – Signo?

LEXA BLACK – Qual era o signo da Cleópatra?

FDM – Sagitário.

LEXA BLACK *concorda*.

FDM – Cabelo comprido?

LEXA BLACK – Teria de ensaiar seis meses só para saber usá-lo. Se lhe pomos uma peruca comprida vamos envelhecê-la.

FDM – Curto.

LEXA BLACK – Com corte moderno. E uma franja de lado.

FDM – Ruiva?

LEXA BLACK – Nem ruiva, nem loira, morena.

LEXA BLACK e FDM vão até à mesa de som.

Silêncio.

(Para o público) Vocês devem estar à espera da imagem da Cleópatra, a VII.

(Para FDM) E se fizéssemos um *look* como o da Donatella Versace? Roupa elegante e cara cheia de *botox*?

FDM – Estás a vê-lo a bombar a cara com *botox* só para fazer isto?

LEXA BLACK – Não.

XI

O HOMEM *volta a entrar pela central alta.*

Vem vestido de smoking.

Silêncio.

HOMEM *(em cima das escadas)* – Será que vou ficar bonita?

O que é que as pessoas que me conhecem vão pensar de mim?

O que é que a minha família vai pensar de mim?

E eu, depois disto tudo, o que é que eu vou pensar de mim?

O HOMEM desce até à central baixa, vai buscar o microfone com tripé à esquerda baixa e volta para o centro.

Boa noite.

As luzes da plateia sobem.

Cresci com a ausência. O pai que não tive, o filho que não tenho, o homem que não consigo ser.

Pausa.

A minha mãe morreu.

O meu pai está doente.

Não se lembra de quem sou.

Chama-me pelo nome Cléopâtre, nome a que tive de me habituar.

Quando não vê em mim a filha que nunca existiu, vê a mulher que morreu, a minha mãe.

Pausa.

Com a morte dela, vi-me forçado a cuidar do meu pai.

Mudei-me para a casa dele. Durmo na cama com ele. A conselho dos médicos. Para que não fique muito agitado.

Redescubro a minha mãe através da rotina dela. Dos objetos dela. Da roupa dela.

Pausa.

Se estou triste ou me sinto só visto o casaco da minha mãe.

Mas o meu pai fica nervoso, acha que sou a minha mãe.

Um dia, beijou-me na boca, assim, do nada.

Agora só visto o casaco da minha mãe quando o meu pai está a dormir.

Pausa.

Deixei praticamente de trabalhar, de dia estou nos hospitais.

Não estou doente, preciso de atenção, só isso.

Vou todos os dias.

Não me importa se pensam que sou maluco.

Espero duas, quatro, seis horas. Quanto mais tempo, melhor.

Pausa.

Chamam-me pelo intercomunicador. É estranho ouvir o meu nome de homem. Já quase não o reconheço.

Pausa.

A agulha perfura o meu braço, o vermelho tinge os tubos transparentes da colheita, os meus músculos adormecem. Sinto-me limpo, sinto-me bem. É como se me tirassem toda a porcaria do corpo.

Pausa.

Voltam a chamar-me horas depois pelo mesmo nome de homem. É estranho. Não consigo mexer-me. Quero levantar-me, mas o meu corpo não responde.

Pausa.

Regresso a casa do meu pai ao anoitecer.

Todas as noites transformo-me na menina que nunca existiu para cuidar dele.

Durante o dia, é a vizinha que fica com ele.

“A sua filha Cléopâtre já chegou, até amanhã”.

Se lhe perguntamos pelo filho, grita, bate com a cabeça nas paredes.

Se lhe perguntamos pela filha, sorri.

Pausa.

A minha mãe sacrificou tudo por mim.

Todos os dias penso nela.

Sinto-me incompleto.

Desprotegido.

Pausa.

Ela sentia-se responsável pela ausência do meu pai.

Vivíamos os dois, sozinhos. Cresci a tomar conta dela. Era muito sensível. Não sei quantas vezes se tentou matar. Perdi a conta.

Pausa.

O meu pai é parecido comigo, mas tem o cabelo mais forte e uma falha nos dentes. Para ele, sou um desas-

tre, um erro. Tem vergonha de mim. Era suposto ter nascido menina.

Uma vez fiz uma birra, não sei porquê. Ele começou a bater-me e a dar-me pontapés na cabeça, não conseguia parar. Ainda me lembro da roupa que tinha vestida.

Outra vez, bateu-me com a fivela do cinto na cara, rasgou-me o lábio.

Ao fundo, encostada à porta, a minha mãe em lágrimas, paralisada, sem conseguir defender-me.

Pausa.

Gostaria de saber qual foi a primeira coisa que ela disse quando me viu nascer.

Terá sido bem-vindo?

Gostaria tanto de recomeçar tudo do zero.

Silêncio.

LEXA BLACK – É um pouco rebuscado como história para a persona dele, não achas?

FDM – Sempre é mais interessante do que aquela que ele me contou.

LEXA BLACK – Qual é o próximo passo?

FDM *mostra-lhe a agenda.*

Está na altura de tirares a roupa, meu anjo.

XII

O HOMEM recolhe o tripé com o microfone junto à mesa de som e sobe as escadas. FDM põe a música. O HOMEM faz o número ao som da canção “Soleil de Paris” de Line Renaud⁹.

*Il y a du soleil sur Paris
Il y a du soleil jour et nuit
Pour tous les gens qui s'aiment sur les bords de la
Seine, Il y a du soleil sur Paris
Il y a du soleil sur Paris, dans le jardin des Tuileries,
Même quand le ciel est gris, quand une fille sourit,
Il y a du soleil sur Paris
Et quand le printemps revient, il y a des milliers de
jardins, des marronniers en fleurs, des vignes au Sa-
cré-Cœur, il y a du soleil sur Paris
Il y a du soleil chaque jour sur la vie, il y a du soleil sur
l'amour chaque nuit, il y a toujours du soleil sur Paris.*

LEXA BLACK e FDM maquilha o HOMEM e, por fim, colocam-lhe uma peruca na cabeça. Vestido de HOMEM e maquilhado de mulher e com peruca, faz o novo núme-

⁹ Este número foi inspirado de um número criado pelo artista transformista brasileiro Eric Barreto (1962-1996).

ro onde revelará o vestido que tem escondido debaixo do smoking (lipsync da canção “Soleil de Paris”).

J'ai du soleil dans la tête

Quand tu me prends dans tes bras

Chaque jour est une fête, je vis sur une planète, où il n'y a que toi et moi

J'ai du soleil dans la tête

Paris, Paris

Quand tu me prends dans tes bras.

Paris, Paris

Mes rêves font des voyages et je n'ai pour seul bagage, que l'amour que j'ai pour toi.

Il y a du soleil sur paris

Il y a du soleil jour et nuit

Pour tous les gens qui s'aiment sur les bords de la Seine, Il y a du soleil sur Paris

Paris des grands couturiers, n'arrêtent pas de créer, dans la peinture et puis dans la musique aussi, il y a du soleil sur Paris.

Et le 14 juillet, de la Bastille au Chatelêt, les airs d'accordéon tournent sous les lampions, il y a du soleil sur Paris.

Il y a du soleil chaque jour sur la vie, il y a du soleil sur l'amour chaque nuit, il y a du soleil à midi, il y a du soleil à minuit, il y a toujours du soleil sur Paris.

LEXA BLACK e FDM *puseram os 3 tripés com os 3 microfones no centro do proscénio.*

LEXA BLACK e FDM – *Convosco, Cléopâtre!*

CLÉOPÂTRE, *que tinha terminado o seu número em cima das escadas, desce até à central média, aproxima-se dos tripés para falar, pega no microfone do meio e recua com LEXA BLACK e FDM.*

LEXA BLACK e FDM *saem pelas escadas, atrás dos painéis.*

XIII

CLÉOPÂTRE *está de novo no lugar onde terminou o seu número e na mesma posição onde o HOMEM apareceu pela primeira vez: com a cabeça inclinada para trás, o braço levantado e o microfone na mão.*

CLÉOPÂTRE – *Guardei num envelope os meus primeiros cabelos ruivos de bebé.*

Num lenço, os restos do meu cabelo castanho de homem.

Numa urna, as cinzas da minha versão masculina.

Tenho sapatos de salto alto, vestido, maquilhagem,
peruca e pénis.

Sou uma dama da noite, a flor que exala um perfume
forte e atrai insetos polinizadores, vespertinos e noturnos.

A flor que se abre ao anoitecer e se fecha ao raiar
do sol.

Para ser vista apenas por alguns de vós.

Para vos divertir.

Para vos fazer chorar.

Para ser fiel à história que vos contei , ali, de *smoking*.

Para inventar outras histórias.

Para ser quem e o que eu quiser.

Silêncio.

CLÉOPÂTRE *avança para o proscénio.*

A partir de agora, não posso olhar da mesma maneira.

Não posso caminhar da mesma maneira.

Não posso mexer os dedos, as mãos, os braços, os
ombros, as costas, as nádegas, as pernas, os pés da
mesma maneira.

Não posso ter o mesmo comportamento.

O mesmo carácter.

A mesma vida.

Pausa.

Não posso ter os mesmos defeitos e as mesmas qua-
lidades.

Terei outros defeitos e outras qualidades.

Pausa.

Não posso ter a mesma voz. A minha voz terá de ser outra para ser capaz de dizer coisas que a anterior nunca foi capaz de dizer. Terei de reaprender a olhar, a andar e a falar.

CLÉOPÂTRE *imobiliza-se.*

Por esta altura, devem estar a perguntar-se, que raio de pessoa é esta?

Pausa.

Homem cis?

Mulher cis?

CLÉOPÂTRE *coloca o primeiro tripé com microfone na direita baixa.*

Homem com invólucro feminino?

Mulher com genitália masculina?

CLÉOPÂTRE *coloca o segundo tripé com microfone na direita baixa, ao lado do primeiro.*

Terceiro género?

Não binária?

É o quê?

Pausa.

A minha aparência é apenas a ilusão daquilo que eu sou.

Pausa.

Os que me veem agora como mulher passaram a olhar-me de forma diferente.

Se existir toque, ele será mais fácil, mais perigoso, mais violento. Mesmo sem autorização, uma mão invasiva no ombro, na cintura, no rabo.

Na minha nova boca de mulher a palavra perderá subitamente força.

Os meus argumentos tornar-se-ão frágeis.

Pausa.

Os que ainda me veem como homem continuam a respeitar-me.

Pausa.

Para aqueles que eu não sou nem uma coisa nem outra, ou uma coisa e a outra, eu simplesmente não existo.

Pausa.

Mas o que é que eu sou afinal?

Pausa.

Porque é que eu insisto em fazer isto?

Pausa.

Em abordar temas que não entendo?

Pausa.

Em falar de pessoas que não conheço?

Pausa.

Em procurar a mulher que posso ser? Aqui, neste lugar, onde é possível fazer de conta.

Pausa.

Não consigo ser a Cléopâtre que eles criaram para mim.

Pausa.

Não consigo ser a Cléopâtre que eu imaginei para mim.

Pausa.

E é por isso que não consigo descobrir o que a Cléopâtre tem para dizer ao mundo.

CLÉOPÂTRE *coloca o terceiro tripé com microfone na direita baixa, ao lado do segundo.*

Os microfones estão direcionados para o público, como que dando oportunidade de este se pronunciar.

XIV

Ouvimos “Ave Maria” de Vavilov. Anunciação da chegada da Mãe.

LEXA BLACK *vem com vestido feito com rede branca para cobrir andaime e FDM aparece de tronco nu e com asas enormes pretas.*

LEXA BLACK *e FDM fazem lipsync no baloiço na esquerda baixa. FDM empurra o baloiço. No fim,*

LEXA BLACK *desce do baloiço com a ajuda de FDM, e, juntos, sobem as escadas, desaparecendo pela lateral direita alta, por detrás dos painéis.*

XV

A MÃE *aparece do além como “Deus Ex Machina” e vestida de Virgem Maria. A imagem de vídeo é projetada no voile branco, ao fundo, situado no centro e atrás dos painéis de acrílico.*

CLÉOPÂTRE – Maman?

Pause.

Qu'est-ce que tu fais ici?

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Pourquoi es-tu habillé comme ça?

CLÉOPÂTRE – Et toi? Pourquoi es-tu habillée comme ça, en Vierge Marie?

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Je suis belle, n'est-ce pas? Je suis plus belle qu'elle, n'est-ce pas?

Pause.

Pourquoi es-tu habillé comme ça?

Pause.

Te voilà avec ta tête de con.

CLÉOPÂTRE – Quoi?

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Quand la conversation ne t'intéresse pas tu fais toujours ta tête de con.

Pause.

Réponds, pourquoi es-tu habillé comme ça?

Pause.

Tu n'as pas honte d'être dans cette tenue devant tout le monde?

Pause.

Retire cette robe. C'est pathétique.

CLÉOPÂTRE – Péripatétique.

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Retire cette robe!

CLÉOPÂTRE – Je ne peux pas me déshabiller devant tout le monde.

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Oh... Oh... Ce ne serait pas la première fois.

CLÉOPÂTRE – Tu m’as vu...

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Je vois tout.

Pause.

Enlève cette robe immédiatement!

CLÉOPÂTRE *sort par les escaliers.*

Ainsi, tu croyais qu’il te suffisait de mettre des talons
aiguilles et de porter une perruque?

CLÉOPÂTRE (*en off*) – Je n’arrive pas à donner vie
à Cléopâtre.

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Et tu as fait tout ça
pour arriver à cette conclusion?

CLÉOPÂTRE (*en off*) – Oui.

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Tu n’as pas compris dès
le début que tu faisais fausse route?

CLÉOPÂTRE (*en off*) – Non.

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Et pourquoi insistes-tu
autant à vouloir découvrir comment tu serais si tu
étais née femme?

CLÉOPÂTRE (*en off*) – J'ai imaginé toute une vie pour cette Cléopâtre qui n'est pas née.

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Tu es attaché à une idée fixe de la construction de ton monde.

Pause.

Tu es complètement paumé!

HOMME/CLÉOPÂTRE *revient avec les habits du début, t-shirt blanc, short rouge et mais encore maquillé. Il/Elle descend les escaliers.*

HOMME/CLÉOPÂTRE – Et ce que j'ai essayé de faire ici c'était quoi alors?

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Constaté que les idées sont supérieures à toutes ces fausses images et à ces ombres.

Pause.

Tu sais avec qui j'ai l'habitude de parler?

HOMME/CLÉOPÂTRE – Non.

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Avec Dieu. Ça me fait du bien. Je lui ai parlé beaucoup de toi.

HOMME/CLÉOPÂTRE – Et qu'est-ce qu'il dit?

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Rien, il m'écoute.

HOMME/CLÉOPÂTRE – Maman?

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Oui.

HOMME/ CLÉOPÂTRE – C'est vrai que les anges
n'ont pas de sexe?

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Oui.

HOMME/CLÉOPÂTRE – Même toi?

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Oui.

Pause.

Nous sommes manifestation du divin.

Pause.

Nous sommes énergie féminine et masculine.

HOMME/CLÉOPÂTRE – Et comment tu te sens?

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Libre.

HOMME/CLÉOPÂTRE – Maman ?

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Oui.

HOMME/CLÉOPÂTRE – Je peux être un ange?

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Maintenant?

HOMME/ CLÉOPÂTRE – Oui.

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Ah, non, non, non, pas maintenant.

Pause.

Peut-être après ta mort.

HOMME/CLÉOPÂTRE – Maman?

MAMAN DE CLÉOPÂTRE – Oui.

HOMME/ CLÉOPÂTRE – C'est qui mon ange gardien?

L'image de la mère disparaît.

O HOMEM/CLÉOPÂTRE encaminha-se para o proscénio, com o microfone na mão, ao encontro da

luz que vem do fundo da plateia. A luz baixa enquanto ele caminha. Escuro.

FIM

Nota: os atores agradecem ao som da canção “Vogue” de Madonna, fazendo voguing – dança estilizada que se caracteriza por posições típicas de modelos, com movimentos corporais definidos por linhas e poses, que foi popularizada, na década de 1980, nas festas chamadas Ballrooms ou Balls e nos clubes gay dos Estados Unidos da América, sobretudo, de Nova Iorque.

Bibliografia

Dalida (1983). *Mourir sur scène*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-bFOvOkEBQ>

Gaga, L. (2012). *Donatella*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SCS13YSZikU>

Madonna (1990). *Vogue*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GuJQSAiODqI>

Renaud, L. (1976). *Le Soleil de Paris Remasterisé* (2013). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8znc_IjuwR8&app=desktop

Ruby, H., Stothart, R. (1928). *I wanna be loved by you*. Interpretação de Marilyn Monroe. (1959). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GuJQSAiODqI>

Valilov, V. (1970). *Ave Maria*. Interpretação de por Sumi Jo (2004). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HleCthPXJiw>



A ÚLTIMA ESTAÇÃO

(2018)

| Texto ELMANO SANCHO





Fotografia pág. 154: Elmano Sancho e Isadora Alves
(Fotografia de Cena)

Fotografia págs. 156 e 157: Elmano Sancho e Ted Bundy
(Cartaz do espetáculo)

A semelhança física do autor com Ted Bundy (1946-1989) é o ponto de partida para uma reflexão sobre a violência e o desejo de transgressão na vida e na arte.

Através da convocação, possessão e incorporação do criminoso, o autor e intérprete foge a uma lógica de representação, entrega-se a um ato transgressor, sacrificial e terrorista – *eis o meu corpo, tomai e comei; eis o meu sangue, tomai e bebei* – e insurge-se contra uma sociedade hipócrita e destruidora.

A tragédia apresenta os contornos da “Via Crucis”, as estações da Paixão de Cristo: a condenação à morte anunciada abre caminho a uma *via dolorosa* que culmina na inumação, mas que aspira à ressurreição, a XV e última estação.

O espetáculo estreou a 16 de julho de 2018 no Festival Internacional de Almada.

Prémios

Elmano Sancho recebeu o grande Prémio Mirpuri de Teatro Carlos Avilez em 2018.

FICHA TÉCNICA

AUTORIA | Elmano Sancho

INTERPRETAÇÃO (1.º elenco) | Elmano Sancho, Filipa Correia, Helena Caldeira, Marta Correia e Teresa Vaz

INTERPRETAÇÃO (2.º elenco) | Elmano Sancho, Cheila Lima, Isadora Alves, Márcia Branco e Mónica Cunha/Daniela Santos

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO | Paulo Lage

ESPAÇO CÉNICO E FIGURINOS | Renata Siqueira Bueno com a colaboração de Roberto Bueno e Liana Axelrud

VÍDEO DO INÍCIO | Renata Siqueira Bueno

DESENHO DE LUZ | Alexandre Coelho

PRODUÇÃO EXECUTIVA | Nuno Pratas

PRODUÇÃO | Loup Solitaire, Culturproject e Festival Internacional de Almada

M/16

Ouve-se a “Marcha fúnebre” de Frédéric Chopin com a entrada de público.

O espaço cénico é um corredor de doze metros, delimitado à esquerda e à direita pelo público. Existem alguns adereços e apenas quatro cadeiras onde Vítima 1 (V1), Vítima 2 (V2), Vítima 3 (V3) e Vítima 4 (V4), ocasionalmente, se irão sentar.

TED, imóvel, saúda os espectadores com o braço direito. Tem o braço esquerdo imobilizado.

Na outra extremidade, V1, V2, V3 e V4, imóveis, com os olhos lacrimejantes e as bocas abertas a escorrerem saliva, acompanham, ao som da marcha fúnebre e com a cabeça, a entrada do público.

Este momento demora aproximadamente 9 minutos. As luzes da sala baixam.

É projetado no ciclorama um vídeo de um pôr do sol, que acompanha a ária de Chopin.

V1, V2, V3 e V4 respiram sofregamente. Cada uma delas tem uma parte do corpo engessada.

Surge projetada no ciclorama, ao fundo, a 1.ª legenda/Prólogo. Seguir-se-ão mais quinze, correspondentes às estações da Via Crúcis/Paixão de Cristo.

LEGENDA 1

*Engorda o coração deste povo,
endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos;
para que ele não veja com os olhos,
ouça com os ouvidos, entenda com o coração,
se converta e seja sarado.*

Isaiás 6:10

TED acompanha cada espectador com o olhar.

TED – Daqui o ângulo é melhor.

Consigo ver cada imperfeição.

Não podeis esconder-vos.

Julgais estar protegidos pela escuridão?

Estais tão visíveis quanto eu.

Pausa.

As putas e os paneleiros de sentinela.

Não há um que se aproveite.

Lá fora, é ouvi-los ladrar; aqui, todos caladinhos que
nem ratos.

Pausa.

Excita-vos, não é?

Pausa.

A minha morte?

Pausa.

Excita, sim. De outro modo, não estaríeis aqui.

Pausa.

Não tenhais vergonha.

O que eu daria para vos ver morrer. À paulada de preferência.

Trocaríamos de lugar. Estaria sentado aí, com uma taça de vinho tinto, uns amendoins torrados e um sorriso nos lábios.

Pausa.

O mesmo sorriso que levarei comigo amanhã.

Pausa.

Será a minha última luta, vencer a dor dos choques a sorrir.

Deixarei pelo menos de ver as vossas caras purulentas e bexigosas. Que triste espetáculo! Quanto maior a aberração, pior o disfarce. Tantos cuidados com o invólucro, porquê? Não há maquilhagem ou roupa que vos valha. Não sabeis do que trata a beleza.

Limpais o copo e o prato por fora, mas por dentro estais repletos de sujidade, hipocrisia e podridão. Sois uns vermes cuspidores de merda fétida.

Pausa.

Agi sempre de forma poética, mas isso também nunca o entenderéis. Estais submersos na mediocridade.

Pausa.

Estou pronto.

Prefiro morrer do que viver neste mundo filho da puta cheio de gente mesquinha e repugnante.

E depois o que é uma pessoa a menos na terra? Acabaremos todos estrumados e no fim nada disto importa.

Pausa.

Mas voltaremos a encontrar-nos. Sem máscaras e sem mentiras.

Lá, onde cada um recebe conforme o seu valor.

Lá, onde não há espaço para os vossos jogos sujos.

Pausa.

Acabar-se-á a marmelada degradante dos imbecis e desonestos viverem como reis enquanto os homens bons mendigam por respeito e dignidade.

Pausa.

Continuai a prostituir-vos por aqui enquanto podeis.

E a enrabar bostas sem escrúpulos.

É para isso que servis.

Impostores.

Pausa.

Chegou finalmente o momento de colocar o dedo na cara de cada um e dizer: obrigado por tudo bastardos, muito obrigado.

Não vos esqueçais que também tereis o cu destruído quando o dia do juízo final chegar.

Pausa.

Não preciso de me despedir de ninguém.

Pausa.

Uma última coisa e calo-me.

Nasci no dia 25 de dezembro, mas não me chamo Jesus.

LEGENDA 2

I – JESUS É CONDENADO À MORTE

V4 *limpa a boca de V1.*

V1 – A boca.

V4 *limpa a boca de V2.*

V2 – O nariz.

V4 *limpa a boca de V3.*

V3 – O cabelo.

Pausa.

V1 – As sobrancelhas.

V3 – O queixo.

V2 – Os olhos.

Pausa.

V3 – Os olhos, sim.

V1 – Sim, os olhos.

V2 – Não, os olhos, não.

Pausa.

V3 – Não.

V1 – Os olhos, não.

V2 – O olhar.

Pausa.

V3 – O olhar, sim.

V1 – Sim, o olhar.

V2 – É ele.

V3 – É?

Pausa.

V2 – Acho que sim.

V1 – É ou não é?

Pausa.

V2 – Não tenho a certeza.

Pausa.

V3 – Só há uma maneira de descobrirmos.

V1 – Quem é que vai?

V2 (*para* V4) – Só podes ser tu.

Silêncio.

V4 *limpa a sua boca e aproxima-se de* TED.

V4 *abre a braguilha das calças de* TED.

V1 – Então?

V4 – Está flácido. Não consigo perceber.

V1 – Está a fazer de propósito.

V3 – Cabrão, filho de uma grande puta.

Pausa.

V1 – Do que é que estás à espera?

Silêncio.

V4 *masturba TED, desviando o olhar.*

V3 – Mais rápido!

Pausa.

V1 – Mais rápido!

V4 *olha para V1, V2 e V3.*

V3 – É ele?

Pausa.

V4 – Pelo tamanho, parece.

Pausa.

V1 – Olha para baixo!

Pausa.

V3 – Olha para baixo!

V4 *olha para baixo.*

V4 – É...

V1 – É ele.

V4 – ... muito parecido...

V3 – É ele.

V4 – Mas...

V2 – Não é ele?

V4 – Não tenho a certeza.

Pausa.

V3 – Cheira-o.

Pausa.

V1 – Cheira-o!

V4 *cheira o pénis de TED.*

Pausa.

V3 – Então?

Pausa.

V1 – Então?

V4 – Cheira a rosas.

V1, V2, V3, *assustadas, abraçam-se.*

Silêncio.

TED – Tenho umas placas de metal aqui.

V4 (*beija a têmpora esquerda de TED*) – Aqui?

TED – Sim.

V4 – Dói?

TED – Muito.

V4 – Estás a arder em febre.

Amanhã acabou.

TED – Mal preguei olho.

Pausa.

Quero aproveitar as horas e os minutos que me restam.

V4 – Sonhaste com o quê?

Silêncio.

V2 trauteia uma canção e desloca-se pelo espaço.

TED – Nascia de novo.

Na sarjeta.

Rodeado de corpos imundos.

Sem cabeça.

Corpos aterrorizados.

Com medo de mim.

Eu de braços estendidos e eles com medo de mim.

Não está certo.

Silêncio.

Ela pega-me ao colo. Limpa-me o corpo com a língua malcheirosa e áspera.

O umbigo, o cu, os testículos.

Come a placenta. E o cordão umbilical.

Separa-nos.

Pausa.

O sangue mistura-se com a merda.

E com a saliva, até desaparecer.

Pausa.

Tento soltar-me.

Quero continuar sujo.

Grito a plenos pulmões.

Pausa.

Ela insiste em limpar-me.

Sussurra-me alguma coisa ao ouvido. Uma canção?

Sim. Uma horrível canção.

Quer sossegar-me. Estúpida.

V2 para de cantar.

Pausa.

As minhas mãos gigantescas e calejadas apertam o pescoço frágil dela. Como se aperta o pescoço às galinhas.

V2 desloca-se pelo espaço até regressar ao ponto de partida.

Uma e duas e três e quatro e cinco e seis e sete... o meu pénis disforme e enorme penetra-a sem parar.

Rasga-lhe o corpo de dentro para fora.

É tão bonito o meu pénis. Tem uma serra elétrica com dentes afiados na ponta. Brilha no escuro. Nada nem ninguém o detém.

Pausa.

Uma chuva de ossos e músculos esporra-me a cara.

Inclino a cabeça para trás. Fecho os olhos. Abro a boca e os braços. Não quero desperdiçar nada.

Pausa.

Venho-me no estômago dela. Ou no fígado? Já não sei.

Pausa.

Olho-a nos olhos.

V2 – Pausa.

TED – Está quase.

V2 – Pausa.

TED – Só mais um pouco.

V2 – Pausa.

TED – A boca dela abre-se para soltar o último suspiro. Preparo-me para o receber e...

V2 – Pausa.

TED – ... engulo-a.

TED *engole o dedo de V4.*

V3 e V1 *recebem V2, abraçando-a.*

V4 *afasta-se de TED e caminha pelo espaço.*

Silêncio.

Olho à minha volta.

Foram todos embora.

Estou só.

Tento levantar-me.

Não consigo.

Comi demais.

Pausa.

E arrotto.

V4 – E depois?

TED – Despertei com o cheiro da merda.

Pausa.

Não valia a pena terem mudado os lençóis.

V4 – Querem-te limpo.

TED – A que horas é?

V4 – Às 7h06.

Pausa.

Ainda tens fé?

TED – Por intermitência.

Silêncio.

V4 – Conta-me.

Pausa.

Por favor.

Pausa.

Preciso de saber antes que morras.

TED – Parti-te os dentes, arranquei-te os mamilos, enfiei-te um cano de metal na vagina, cortei-te a cabeça, lavei-te o cabelo com champô de camomila e maquilhei-te.

Pausa.

Do meu cemitério de cabeças, eras a mais bonita.

V4 – Lembras-te de todas?

TED – Sim.

V4 – A que mais gostaste?

TED – A que demorou mais tempo a morrer.

A primeira.

Pausa.

E tu.

V4 – A última.

O que vais querer para a última ceia?

TED – Posso escolher?

V4 – Hoje, sim.

TED – Lagosta.

Vieiras.

Camarão.

E vinho.

V4 – Ovo.

Purê.

Torrada.

Café?

TED – Não posso adormecer.

LEGENDA 3

II – JESUS CARREGA A CRUZ ÀS COSTAS

V1, V2 e V3 saem.

V1 entra com uma chávena e com uma cadeira.

V3 entra com um prato e talheres.

V4 pega no guardanapo de pano e coloca-se atrás da cadeira.

V3 está sentada no chão, do lado esquerdo da cadeira.

V1 *está sentada no chão, do lado direito da cadeira.*

V2 *está em pé, um pouco mais afastada, com umas rosas secas nas mãos.*

V4 – Senta-te.

TED – Com a charpa, não sei se vou conseguir comer.

TED *senta-se na cadeira.*

V3 – Não será altura de a tirar?

TED – Nunca se sabe quem pode aparecer.

TED *sorri.*

V4 – Eu ajudo-te.

V4 *coloca-lhe o guardanapo de pano à volta do pescoço.*

TED (*para V4*) – Estás a apertar-me.

V4 – Não quero que te sujes.

V4 *aperta com mais força.*

TED – Estás a estrangular-me!

V4 (*para o público e TED*) – Tenho de te dizer uma coisa, tu que me mataste.

V3 – A comida está quente.

V4 – Ouve-me com atenção, tu, que nunca quiseste saber do teu pai nem da tua mãe; Tu, que não quiseste saber de mim.

Quero que saibas que te perdoo, tu, que me mataste. Perdoo-te porque não tens noção da repercussão dos teus crimes, das vidas devastadas, dos abismos de dor escavados até ao infinito.

Não sabes de nada. No mundo onde vives, cada um cuida de si, é uma questão de sobrevivência.

V3 – A comida vai arrefecer.

V4 – Ouve-me com atenção.

Perdoo-te porque és uma vítima também. A minha juventude evocava a tua decrepitude, anunciava o teu fim. Como o poderias suportar?

Pausa.

Era a minha hora?

Não.

Estava longe de ter terminado o meu trabalho.
Tinha combates importantes a travar, gritos de indignação a soltar, consciências para perturbar.
Muitas dúvidas, mas uma certeza incontornável: a de nunca me tornar naquilo que tu és.
Não imaginas a dor insuportável de saber que me poderia tornar naquilo que tu és.

Pausa.

E, no entanto, odiei-me por não ser como tu.
Nos momentos de fraqueza e de cansaço quis ser como tu.
Fizeste-me acreditar que deveria ser como tu.
Mostraste-me as vantagens de ser como tu.
As regalias de viver como tu.

Pausa.

Duvidei. Fraquejei. O nojo e a repulsa de querer ser como tu incapacitaram-me.
Mergulhei nos lugares obscuros da minha alma. Perdi-me durante dias e meses e anos.
Quis morrer. Pedi para morrer.

V3 – A comida está a arrefecer.

V4 – Gritei, esperneecei, chorei, magoei-me, mas consegui não ser como tu.

Pausa.

Ouve-me com atenção.

Não te quero mal.

Custa-me saber da tua existência.

É só.

TED – Com quem é que estás a falar?

V4 *afasta-se violentamente de TED.*

V4 – Já podes comer.

V3 – A comida arrefeceu.

V1 – Voltamos a aquecer.

V3 – Vai perder nutrientes.

TED *começa a rezar.*

V1 (*para V3*) – O que é que ele está a fazer?

V3 – O que é que estás a fazer?

TED *continua a rezar.*

V1 – Não façás isso, por favor.

Come.

V3 – Come.

V4 (*obriga TED a comer*) – Come!

V2 – Não devias rezar. As palavras santas não habitam uma boca porca como a tua.

TED – Livrei-vos da tristeza e do fracasso.

V2 – Assaltaste os nossos sonhos.

TED – É a minha missão.

V2 – Queria ter vivido rodeada de filhos e netos.

TED – Para quê? Olha para mim.

V2 – Amá-los-ia de igual forma.

TED – Sentirias ódio e desprezo.

V4 – Come!

V3 – Queria ter sido famosa.

TED – Abrir as pernas e lamber uns quantos cus?
Dei-te um final mais digno, acredita!

V3 – Sou uma entre tantas outras.

TED – Foste escolhida por mim.

V3 – Ninguém sabe o meu nome.

TED – Fazes parte da minha obra.

V4 – Come!

V1 – Estava a uma semana de receber o sacramento
da confirmação!

TED – O batismo já te limpou do pecado original da
conceção. A confirmação apenas te obrigaria a seres
uma guerreira de Cristo. Ninguém o é.

V1 – Seria a primeira...

TED – Terias de te sacrificar para alcançares uma paz que não existe. Para quê tanto sofrimento?

V4 – Calaste a minha raiva!

TED – A morte é uma mensagem de Deus.

V4 – Estava a ajudar os que não se conseguem proteger!

TED – As pessoas só precisam de ajuda para morrer.

V4 – Merecia, pelo menos, uma morte digna!

TED – Morreste intacta e limpa, como todas as outras.

Pausa.

A sujidade veio depois.

Pausa.

Possuí-te quando já estavas morta.

V4 – Ainda respirava.

Silêncio.

TED (*para V4*) – Dei-te todo o meu amor.

Pausa.

(Para V1, V2, V3 e V4) Desejei-vos a todas, sem exceção.

Pausa.

Não estraguemos esta última refeição.

Vamos partilhá-la em família!

TED dá o telemóvel a V4.

Regista este momento, por favor.

V4 prepara-se. Todos sorriem. V4 tira a fotografia.

LEGENDA 4

III – JESUS CAI PELA PRIMEIRA VEZ

V1, V2, V3 e V4 ajoelham-se.

TED – As vezes que tive de me humilhar para lhes agradar.

Foram poucas, mas ainda assim... mostrei os dentes a alguns desgraçados.

Queria que me aceitassem, me amassem. Rastejei para que me tocassem, me abraçassem, me confortassem.

Em troca obtive rejeição e desprezo.

(Para o público) Sou um monstro?

Silêncio.

Porque é que os defeitos escabrosos e grotescos dos outros são qualidades extraordinárias? É a mensagem que proclamais por aí, não é?

Pausa.

Não a compreendo. Ajudai-me a entendê-la, por favor.

Pausa.

Onde estão esses homens admiráveis que tanto elogiais? Onde? Procurei-os a vida toda e nunca os encontrei.

Pausa.

Não consigo competir com a escumalha que teimais em enaltecer.

Pausa.

Não suporto a ideia de vos ter por perto.

A vossa companhia não presta.

A vossa amizade não presta.

O vosso amor não presta.

Pausa.

Falta muito?

V4 – Está quase.

TED – Tenho medo.

Pausa.

Acordo todas as noites de madrugada, banhado em suor, com o coração a explodir, a garganta apertada, o esófago e as orelhas em chamas.

Evito abrir os olhos, esforço-me para não pensar, canto em surdina as músicas da minha infância (*V2 trauteia uma canção*), conto carneirinhos, ou ovelhas, ou cabras. Que animal é que é, afinal, a saltar?

V4 – Um, dois, três, quatro.

TED – Chego aos 100 e desisto. O pânico apodera-se do meu corpo. Não me deixa dormir.

Pausa.

Não me vou ausentar durante um ano ou dois.

Vou ausentar-me para toda a eternidade.

É muito, não é? É mais do que muito. É...

Pausa.

Existe alguma palavra de reconforto para isto?

Pausa.

Como é que Ele é?

V4 *olha para* TED.

V4 – Não sei. Ainda não mo apresentaram.

TED – Queres ver que Ele não existe?

V4 – Se calhar está doente...

TED – Doente, Ele?

Quando muito está ocupado a preparar alguma desgraça.

V4 – Será?

TED – O cabrão anda a enganar meio mundo.

V4 – Como, se Ele não existe?

TED – Exatamente. É mesmo esperto, o filho da puta.

V2 – Ele existe.

V4 – Então, porque é que ainda não apareceu?

V2 – Tem a agenda cheia.

V4 – Também Ele?

V2 – Sobretudo Ele.

Pausa.

V3 (*para* V4) – Nervosa?

V4 – Ansiosa.

V3 – Ele é acessível.

V4 – É muito rigoroso?

V3 – Não. É um bacano.

V1 – Bacano?

V3 – Não é?

V1 – É simpático.

V4 – E a voz dele?

V3 – Normal.

V4 – Autoritária?

V3 – Assertiva!

V1 – Assertiva, mas tranquila.

V4 – Tipo guru?

V3 – Muito melhor.

V1 – Estás a ver a ideia que costumamos ter dele?

V4 – Sim...

V1 – Não tem nada a ver.

V4 – Como assim?

V1 – É baixo, gordo, tem cabelo curto e castanho.

V3 – Cabeça rapada e tatuagens em todo o corpo, até na...

V1 – Tem bigode.

V3 – Não tem barba.

V4 – Não tem?

V3 – Nem um pelo em todo o corpo.

Pausa.

E cheira a leite.

V4 – Cheira?

V3 – Tem pele de bebé.

V1 – E mamas.

V3 – Isso é que não.

V1 – Num homem não é habitual, mas acontece.

V3 – Estás a ultrapassar os limites.

V1 (*para TED*) – Paro?

V1, V3 e V4 *olham para TED.*

TED – Continua.

V1 – É uma doença. Chama-se ginecomastia.

V3 – Estás a dizer que Jesus tem hipertrofia mamária?

V1 – Mamas maiores do que as minhas.

V3 – Desisto.

V3 *sai.*

V2 – TED...

V2 *grita.*

V1 e V4 *caminham em direção a V2.*

V2 *cala-se e V1 e V4 imobilizam-se.*

LEGENDA 5

IV – JESUS ENCONTRA A SUA MÃE

V1 e V4 *estão em cena. Sentar-se-ão nas cadeiras em função da deslocação cénica de V2.*

V2 – TED?

Pausa.

Não conheço esse... sujeito.

Pausa.

Sujeito. Foi a palavra que empreguei.

Pausa.

Ele estava à espera de quê?

Não se aceita uma coisa dessas!

Silêncio.

Está morto?

V4 – Ainda não.

V2 – Cagou por nós abaixo.

Pausa.

Fartei-me de gritar. Com um pano na boca para as vizinhas não me ouvirem.

Pausa.

(*Para V4*) Se falares com ele, não lhe dêes informações minhas.

Devia estar à espera que o perdoasse...

Nunca atendi as chamadas dele.

Predisposição genética?

Esfaqueou-me pelas costas.

Pausa.

E o pai que acordou tantas vezes para ver se ele estava bem. Era um bebé difícil. Fartava-se de gritar a noite toda, a besta!

Tínhamos de pôr a nossa mão no peitinho dele para o acalmar. Se retirássemos um dedo que fosse, abria os olhos e berrava a plenos pulmões.

Devia ter tido a coragem de pegar numa almofada para calar o demónio de uma vez por todas.

Pausa.

Guardei-o dentro de mim 24 horas depois de as águas rebentarem. As minhas pernas travaram, o meu corpo ficou rígido. Comecei a sufocar e a espumar da boca.

“Ainda é cedo. Só está previsto para a próxima semana”, “É psicológico, acalme-se”.

Pausa.

Custou-me tanto pari-lo. O carnicheiro do médico introduziu-me ferros na vagina para o tirar. Com um sorriso. Sem desviar o olhar do meu. Sem pestanejar. Cada vez com mais força. À espera que eu soltasse um pequeno “ai” para poder dizer: “Quando o fez não gritou tanto!” Cerrei os dentes com todas as minhas forças e trinquiei a língua. Fiquei lambuzada em sangue. Desmaiei quatro vezes, mas nunca gritei. Nunca.

Pausa.

Corte no períneo. Nada. Rasgão em direção ao esfíncter anal. Nada. Rasgão dentro do reto e do ânus. Só assim o monstro saiu. Roxo e sem pulso.

Silêncio.

Sobreviveu.

Pausa.

Está morto?

V4 – Ainda não.

V2 (*para o público*) – Tanto tempo para acabarem com esse filho da puta.

Pausa.

Com esse filho da...

TED – Mãe.

V1 *pinta o rosto de preto.*

V2 – Diz-lhe para não me chamar isso.

V4 – Não lhe chames isso.

TED – Sou o teu filho.

V2 – No papel, só no papel. Diz-lhe.

V4 – No papel, só no papel.

V2 – Tenho vergonha de te ter parido! Diz-lhe.

V4 – Tenho vergonha de te ter parido.

V2 – Tu não, estúpida, eu! Diz-lhe.

V4 – Eu não, estúpida, ela!

Pausa.

(Para V2) Não contes mais comigo.

V4 *sai.*

V2 – Volta cá!

Silêncio.

(Para o público) Não sei se algum dia serei capaz de ser forte para lidar com tudo isto. Parece que não tenho o direito de me lamentar ou de chorar por causa de todas essas famílias que nunca mais poderão voltar a falar com os seus filhos...

Pausa.

Não, não havia nada de incomum nele.

Não era profundamente infeliz, apenas excessivamente tímido.

Estou a tentar dizer a verdade o melhor que sei e posso.

Pausa.

Devia ter desconfiado.

Quem é que dorme com a mãe até aos 15 anos?

(Para TED) Naquela noite em que me acariciaste os pelos do sexo estava acordada. Fiz de conta que estava a dormir. Rezei muito para que o não voltasses a fazer. E nunca mais o fizeste.

Estavas a sonhar.

TED – Não.

V2 *chora.*

V2 – Volta cá!

V4 *regressa.*

Diz-lhe o que te vou dizer.

Pausa.

Não há dia em que não chore.

V4 (*para TED*) – Os dias são iguais e tristes.

V2 – Não posso gostar de ti como dantes. Não posso.

V4 – Ajuda-me a gostar de ti como dantes. Ajuda-me.

V2 – Morreu?

V4 – Está de olhos abertos.

V2 – Pergunta-lhe se está morto.

V4 – Estás morto?

TED *sorri.*

Pausa.

Ele diz que ainda não está morto.

V2 (*para TED*) – Que recebas em dobro o sofrimento que me deste.

V2 e V4 *saem*.

V1 *entra e beija TED*.

TED *está de olhos fechados*.

TED *abraça V1*.

TED – Ainda bem que vieste.

LEGENDA 6

V – SIMÃO DE CIRENE AJUDA JESUS A CARRERAR A CRUZ

TED *abre os olhos*.

TED – Desculpe, confundi-o com alguém que se parece consigo.

V1 – Eu sei quem é. Temos o mesmo nome.

TED – São da mesma família?

V1 – Não.

Pausa.

Aponta para o seu próprio rosto.

Não se vê?

TED – Pois, não podem ser.

V1 – Ele fugiu.

TED – Como é que sabe?

V1 – Trata-me por tu.

TED – Diz lá!

V1 – Cruzámo-nos à entrada. Perguntei-lhe por ti.

Disse que não te conhecia. E fugiu.

Pausa.

O que é que te aconteceu ao braço? Foi um acidente?

TED – Não.

V1 – Cortaste-te de propósito?

TED – Era um disfarce para apanhar as minhas vítimas.

Pausa.

O que fazes aqui?

V1 – Vim para te escutar e te amparar.

TED – Não tens ideia do que trata a minha dor.

V1 – Somos iguais.

TED – Nem um pouco.

V1 – Escolhemos a porta larga e espaçosa que leva à perdição.

TED – Escolhi a porta estreita que poucos encontram.

V1 – É difícil falar contigo.

TED – Da minha boca não esperes palavras ocas.

Nem doces.

Pausa.

Quem és?

V1 – Um desconhecido. Um estrangeiro, se preferires.

Para muitos não sou ninguém.

Passei por aqui e forçaram-me a entrar.

Para atenuar o teu martírio, suponho.

Pausa.

Um mensageiro.

Sim, é o que eu sou.

Vim preparar o teu caminho.

Pausa.

E tu, quem és?

TED – Ainda é cedo para o revelar.

V1 – Porque não pedes perdão?

TED – Não sinto culpa.

V1 – Porque é que não fazes como todos os outros?

TED – O que é que os outros fazem?

V1 – Sorriem. Fingem.

TED – Não consigo.

V1 – Não te esforças o suficiente.

TED – Talvez.

Silêncio.

V1 – Quantas foram?

Pausa.

Tens vergonha?

TED – É íntimo.

V1 – Dezoito.

TED – Dezoito?

V1 – Eu matei 18. E tu?

TED – Mais. Muito mais.

V1 – A primeira vez, senti que tinha o controlo total da minha vida, que podia finalmente criar um mundo só meu. Tudo parecia real, mas era ficção.

Aquele monstro era eu, mas não era eu. Tu sabes como é.

Pausa.

Cansado, vomitei e adormeci.

No dia seguinte, acordei com os braços em ferida.

Estava febril. Sentia-me bem.

Já só pensava em pôr aquela máscara uma e outra vez.

Pausa.

Levantei-me e vi-o. Caído ao lado da cama. O peito rasgado e a boca mergulhada em sangue.

TED *fica em silêncio.*

A partir desse momento, fiquei obcecado em encontrar o rapaz mais bonito. A raça não importava.

Os dois primeiros, afro-americanos; o terceiro e o quarto, hispânicos...

Guardei os órgãos genitais, as cabeças mumificadas, alguns ossos. Comi pedaços dos corpos.

Quando os desmembrava, ejaculava sempre. Tinha de os desmembrar para ejacular. Rasgava a carne com uma faca e segundos depois sentia o sémen subir pela uretra para desaguar nas minhas cuecas. Com alguns, cheguei a ejacular duas vezes seguidas. Guardei todas as minhas cuecas. Nunca as lavei. Gosto de as cheirar quando me sinto só. Da última vez, o simples contacto da cueca esportada com o meu nariz fez-me vir.

Pausa.

Guardei as cuecas deles também.

Como troféu.

Ainda têm o cheiro do medo misturado com a merda, o suor e o mijo.

Pausa.

Falas pouco.

TED – Gosto de manter os meus pensamentos em segredo.

V1 – Aliviei um pouco a tua mágoa?

TED – Não sou o teu caixote do lixo.

V1 (*apalpa o cu de TED*) – Gostaria de te ter reben-tado o cu como fiz com todos os outros.

TED – Vai ter de ficar para a próxima.

Pausa.

Conseguiste ejacular?

V1 (*fecha os olhos para se conter. Sustém a respira-ção*) – Agora mesmo.

TED – Está na altura de ires embora.

V1 *cospe na cara de TED e sai.*

A3 *levanta-se.*

TED *agacha-se e chora.*

A3 (*Atriz 3*) – Queres parar um pouco?

Pausa.

Eles podem esperar.

(Para o público) Vamos parar 5 minutos.

Só o tempo de ele se recompor.

Vamos ser breves, prometo.

A3 sai.

A3 entra com uma bacia de água e um lenço. Caminha em direção a TED.

LEGENDA 7

VI – VERÓNICA LIMPA O ROSTO DE JESUS

A3 começa a limpar com o lenço as lágrimas e o cuspido do rosto do ENCENADOR.

A3 – Os olhos...

O queixo...

As sobrancelhas...

Os lábios finos...

E o sorriso.

Pausa.

És mesmo parecido com ele.

Pausa.

Será que reincarnou em ti?

O ENCENADOR *olha para* A3.

Quando é que ele morreu?

O ENCENADOR – Em 1989.

A3 continua a limpar o rosto do ENCENADOR.

A3 – Pois, não pode ser, já tinhas nascido. Era capaz de jurar.

Pausa.

Injeção letal?

O ENCENADOR – Cadeira elétrica.

A3 – Que idade é que ele tinha?

O ENCENADOR – Quarenta e dois.

A3 – E elas? Eram giras como nós?

O ENCENADOR – Nas fotos não estão muito bem.

A3 – Fico sempre com pena quando as vítimas são bonitas.

Das outras não tenho pena nenhuma.

É horrível dizer isto, não é?

O ENCENADOR – Não é fácil ser-se feio.

A3 – Vá, anima-te! Não gosto nada de te ver assim.

Vamos mudar de assunto.

Pausa.

O que é que fizeste hoje?

O ENCENADOR – Fiquei na cama a olhar para o teto.

A3 – Estás a ficar velho.

Relaxa, sai, diverte-te.

O ENCENADOR – Não consigo.

A3 – Porque é que não fazes um pouco de *yoga* ou *tai chi*?

O ENCENADOR – Já fiz, não resultou.

A3 – Fode. Foder faz muito bem. Trabalhas todos os músculos. É como a natação, mas sem a porcaria da água e do cloro.

Pausa.

Para trabalhares o psoas não há melhor.

O ENCENADOR – O quê?

A3 – O psoas. O músculo da alma. Fodes duas ou três vezes e ficas equilibrado num instante.

Pausa.

Vai por mim. Foder faz bem a tudo. E à pele? Pfff. Não há cremes que consigam competir com uma boa foda. Devias pensar nisso, na tua idade a pele não tem a mesma elasticidade.

E fuma erva. Vais ver que até o olho do cu relaxas.

Pausa.

Esboça um sorriso.

Pausa.

Faz isso por mim.

O ENCENADOR *esboça um sorriso.*

Estás limpo.

A3 *pega no lenço e mostra-o ao público.*

O lenço/Sudário tem a impressão da cara de Ted Bundy:

A3 *coloca o lenço no rosto do ENCENADOR.*

Vamos continuar.

LEGENDA 8

VII – JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ

Atriz 1 (A1), Atriz 2 (A2) e Atriz 4 (A4) entram, olham para o título e ajoelham-se.

A3 – Ah não! Outra vez não.

A3 atira o lenço/Sudário aos pés do ENCENADOR.

(Para o ENCENADOR) A conversa que tivemos na VI estação não serviu de nada?

Estou farta das tuas lamentações! Já basta o que acontece no mundo! Isso sim, é uma chatice. E das grandes!

Pausa.

Já nem vejo o noticiário. São só desgraças. Massacres, guerras, crianças mortas e violadas. Ainda por cima à hora do almoço e do jantar? Fazem de propósito para perdermos o apetite. Por mim, tudo bem, não quero engordar!

Pausa.

Quando por acaso vejo, é muito raro, sabes o que faço a seguir? Ponho-me bonita, saio, vou dar uns passos de dança, soltar umas gargalhadas e meia hora depois estou como nova. Se não fosse assim, não aguentava!

Pausa.

E depois o que é que uma pessoa pode fazer se nem os políticos nem os governantes conseguem resolver os problemas? Temos de viver da melhor maneira possível. Aceitar que não podemos mudar o rumo dos acontecimentos e seguir em frente.

Pausa.

Se aceitares, vais descobrir um verdadeiro mundo novo, acredita em mim. Parece que tudo é mais luminoso, só vêes o lado bonito e positivo das pessoas, estás em paz com o universo. É tão bom!

Pausa.

Não podemos estar sempre a olhar para as coisas más. Temos de saber agradecer. Eu agradeço todos os dias! Agradeces?

O ENCENADOR não responde.

Devias agradecer. Temos muitas razões para agradecer!

Pausa.

Nós aqui até temos sorte. Estamos bem localizados, não interferimos em nada, não nos metemos com ninguém, não somos nem muito importantes nem totalmente insignificantes. Somos indiferentes. Este cantinho da Europa é um verdadeiro paraíso!

Pausa.

Desde que o mal não nos bata à porta, não nos podemos lamentar. Não podemos!

Eu faço todos os esforços para estar de bem com a vida e com os outros.

Posso não contribuir com muito, mas também não atrapalho.

E sei ficar calada quando não tenho nada de novo a acrescentar. Não penses que é pouco.

Não quero ter problemas. Não suporto problemas. Há pessoas que não suportam marisco, eu não suporto problemas. Quero é curtir a vida e o resto que se lixe.

Pausa.

Dá para irmos logo para a 12^a estação, morres e vamos todos embora?

O ENCENADOR – Sonhei que me tornava um santo.

A3 – Oh, não.

O ENCENADOR – Que oferecia a minha vida a Deus.

A3 – Santa paciência.

O ENCENADOR – Morria, enterravam-me e a minha alma escapava-se do sepulcro para ir ao encontro dele.

A3 – O que é que ainda não percebeste?
(Para A1, A2 e A4) Ajudem-me. Ele quer continuar
com a mesma ladainha!

A1 – Não o leva a lado nenhum.

A3 – Já lho disse, mas o que é que tu queres?
Não contes mais comigo.

A3 *sai.*

A1 – Nem comigo.

A1 *levanta-se e sai.*

A4 (*levanta-se e fala para o ENCENADOR*) – Pa-
ramos?

O ENCENADOR *acena afirmativamente com a ca-
beça, pega no lenço/Sudário e na bacia e levanta-se.*
A4 *sai.*

A2 (*para A1, A3 e A4*) – Temos de continuar.
Pausa.

A3 – Podemos retomar na 12ª estação?

A2 – Não.

A1, A3 e A4 voltam a ajoelhar-se.

O ENCENADOR *encaminha-se para a saída.*

Onde vais?

O ENCENADOR – Estou farto de fazer caras e gestos falsos.

Farto das mesmas entoações, das mesmas pausas, dos mesmos ritmos, dos mesmos silêncios.

Já não consigo surpreender-me.

(Olha para o público) Já não os consigo surpreender.

O ENCENADOR *encaminha-se para a saída.*

A2 – Nascestes a 24 de novembro de 1946.

O ENCENADOR – No dia de Natal.

A4 – Chamas-te TED.

O ENCENADOR – Não é esse o meu nome.

A1 – És um assassino em série.

O ENCENADOR – Sou um ator e encenador.

A3 – Somos as tuas vítimas.

A1 – Mataste-nos na vida e na ficção.

O ENCENADOR – Só me pareço com ele numa fotografia.

A2 – É quanto basta.

O ENCENADOR – Não está a resultar.

A2 – Vais desistir?

O ENCENADOR *sai*.

Silêncio.

(Para A1, A3 e A4) Acabou.

A1, A3 e A4 que estavam ajoelhadas sentam-se no chão. A2 permanece ajoelhada.

LEGENDA 9

VIII – JESUS CONSOLA AS MULHERES DE JERUSALÉM

A3 – Como é que continuamos sem ele?

A1 – Vamos levantar-nos e pôr um fim a esta palhaçada. *Pega num estojo e começa a limpar o rosto que estava pintado de preto.*

Pausa.

Faz algum sentido fazermos estas personagens? O que é que nós sabemos sobre as vítimas? Sabemos que foram assassinadas, pouco mais! Não há jogo, não há conflito, não há nada que possamos fazer.

Pausa.

O que é que lhe custava ter dado nomes às personagens? O TED não matou apenas uma ou duas, matou mais de 35 mulheres. Ele só tinha de escolher quatro nomes, quatro! E se preferisse nomes portugueses, punha os nossos. Não me importava. Não sou supersticiosa. Vocês importavam-se?

Pausa.

(Para A2, A3 e A4) Sabem que mais? Não preciso dele para nada. Eu própria escolhi o nome da minha personagem.

Pausa.

Sally.

Como no filme “Cabaret”.

É o que me tem valido, imaginar que sou a Liza Minnelli.

Não percebo onde ele quer chegar. Lá porque se parece com o Ted numa fotografia, achava que era suficiente?

Pausa.

E a Paixão de Cristo? O gajo acha que é quem? Jesus? Só porque nasceu no dia de Natal?

Pausa.

E as personagens bíblicas, porquê? É ridículo!

Pausa.

Eu não nasci para isto. Sou uma miúda bem-disposta e feliz.

O que é que eu sei sobre o sofrimento?

O que é que nós sabemos sobre o sofrimento?

Estou tão cansada.

Silêncio.

A4 – Nunca gostei do cheiro dos velhos.

Tudo neles fede. A pele, a boca, a respiração.

Sobretudo a respiração.

Não é culpa deles. Não estão sujos. Estão velhos. E cheiram mal.

Pausa.

Não é suposto uma pessoa nova cheirar mal...

Deixou de haver esperança para nós?

A2 – Olha à tua volta.

O que é que vês?

A4 – Desânimo.

Pausa.

Impotência.

A2 – É uma epidemia. Não a podemos travar. A nossa existência letárgica não a consegue travar.

Somos incapazes de amar –

A1 – Incapazes de sentir –

A3 – Incapazes de gritar –

A2 – Incapazes de sorrir –

A1 – Incapazes de chorar –

A3 – Incapazes de lutar.

A2 – Incapazes.

Pausa.

Resta-nos envelhecer, azedar e cheirar mal.

A4 (*apontando para o público*) – Não posso cheirar como eles.

A4 *chora.*

A2 (*para A1*) – Vai buscar a maquilhagem.

A1 *vai buscar o pó de talco e pulveriza A4, da cabeça aos pés.*

A4 *continua a chorar.*

A4 – O que é que se passa?

A2 – Estás a apodrecer.

A4 – Só tenho 22 anos.

A4 *continua a chorar.*

A2 – Vem cá.

A1, A2, A3 e A4 *choram.*

A4 *caminha em direção a A1, A2 e A3.*

TED *entra.*

A4 *regressa ao jogo e ao seu papel de vítima.*

V4 – TED?

A1, A2, e A3 *juntam-se a A4.*

V3 – Ainda bem que voltaste.

V1 – Estávamos com saudades tuas.

V2 – Consola-nos, por favor.

LEGENDA 10

IX – JESUS CAI PELA TERCEIRA VEZ

V1, V2, V3 *ajoelham-se.*

V4 *permanece em pé e volta-se para TED.*

TED – Não devia ter regressado. As pessoas não se interessam por mim. Não sou um inadaptado ou um antissocial. É o que costumam pensar das pessoas como eu. É o que querem pensar das pessoas como eu. Tenho palavras importantes a dizer, mas não me querem ouvir. Tantas pessoas com mensagens mais fortes e ninguém disponível para as ouvir. Pessoas que fogem, que gritam, que morrem sem que ninguém se preocupe com elas ou simpatize com elas ou chore por elas. As outras pessoas que se fodam, não é?

V4 – Cala-te!

Pausa.

As pessoas interessam-se por mim.

Quando me querem foder, as pessoas interessam-se por mim.

Quando as pessoas que se interessam por mim percebem que não vão conseguir foder-me, que não vão conseguir apalpar-me o cu, que não vão conseguir enfiar a minha boca nas suas ratas, ou nas suas mamas, ou nos seus caralhos, que não vão conseguir que eu abra as pernas, que não vão conseguir que me ponha de quatro, o cu virado para elas, para levar com as suas picas mijadas, que não vão conseguir sujar-me, que não vão conseguir corromper-me, que não vão conseguir comprar-me, quando essas pessoas que se interessam por mim finalmente percebem tudo isto, as ameaças disparam. Fico a saber, sem mais demoras, que me vão foder de qualquer maneira. E vai ser a doer.

(Para TED) Está bem assim?

LEGENDA 11

X – JESUS É DESPOJADO DAS SUAS VESTES

V4 – TED.

Ou seja lá quem fores.

A tua hora chegou.

TED – Preciso de um pouco mais de tempo.

V4 *aproxima-se de TED.*

V4 – Tens de morrer.

TED – Sou inocente.

V4 – Inocente ou culpado, qual a diferença?

TED – Deixem-me ficar aqui. Não sou jovem, mas também não sou assim tão velho. Fiz algumas coisas de valor, lembram-se?

V4 – São 7h06.

TED *imobiliza-se. V1 e V3 despem-no.*

TED (*para o público*) – Nasci com a possibilidade de tudo e morro com a certeza de nada.

Pelo caminho, perdi a juventude, a beleza, a vitalidade, o sorriso, a fé e a esperança.

Talvez tenha perdido o carácter também.

Pausa.

Ouvi falar de um lugar onde os homens justos e dignos têm o seu descanso merecido. Mas o que é ser justo e digno?

Onde está a minha coroa? Só quando a cabeça sangrar
é que a coroa está no lugar, só quando a cabeça sangrar!
V2 *traz a coroa de espinhos e coloca-a na cabeça
de Jesus.*

Uma última coisa e calo-me.

Nasci no dia 25 de dezembro e chamo-me Jesus.

LEGENDA 12

XI – JESUS É PREGADO NA CRUZ

V2 *caminha e canta “Sometimes I Feel Like a Motherless Child”, de Odetta.*

V4 *indica com um gesto o lugar da crucificação.*

JESUS *encaminha-se para lá.*

V1 e V3 *seguem-no.*

V2 *sai.*

V4 *faz um gesto com a mão, como se obrigasse JESUS a reproduzir a imagem inicial criada pelas Víti-mas (olhos e boca abertos).*

LEGENDA 13

XII – JESUS MORRE NA CRUZ

V1, V3 e V4 *dançam ao som da cadeira elétrica.*

O som para.

V1, V3 e V4 *interrompem a dança.*

V1, V3 e V4 *respiram sofregamente até ficarem em silêncio.*

JESUS *morre.*

LEGENDA 14

XIII – JESUS É DESCIDO DA CRUZ

V1 e V3 *descem JESUS da cruz.*

V4 *fecha a boca de JESUS e põe-lhe fita adesiva nos olhos.*

V2 *entra, continua a cantar “Sometimes I Feel Like a Motherless Child”, de Odetta.*

V2 *imobiliza-se.*

LEGENDA 15

XIV – JESUS É SEPULTADO

V1, V2, V3 e V4 *levam JESUS para fora de cena.*

V1, V2, V3 e V4 *cantam “Exit a Music (For a Film)”, dos Radiohead.*

JESUS *sai.*

V1, V2, V3 e V4 *terminam a canção.*

LEGENDA 16

XV e Última Estação – JESUS RESSUSCITA

Cântico “Ressuscitou”, de Kiko Arguello.

V1, V2, V3 e V4 *tiram o gesso e colocam-no à sua frente, no chão.*

O jogo termina.

A1, A2, A3, e A4 *olham e falam para o público.*

A2 – *Ele já não volta.*

A3 – *Era suposto morrer e ressuscitar.*

A1 – *Ressuscitar para nos salvar.*

A2 – *Mas não há salvação.*

A1 – *Não há salvação porque Ele morreu.*

A3 – Morreu e não ressuscitou.

A4 – Ele não morreu.

Pausa.

A2 – Sobreviveu?

A4 – Não.

A3 – Então, morreu.

A4 – Ele não existe.

Pausa.

A1 – Ele não existe, mas existiu.

A3 – Sim, Ele existiu.

A1 (*olha para o público*) – Eles são testemunhas.

A4 – Ele nunca existiu.

Silêncio longo.

A1 – E agora?

A2 – Temos de continuar.

A3 – Sim, continuemos.

A1 – Continuemos, sim.

Silêncio.

A4 sai.

A1 e A3 saem.

A2 sai.

*Ficam os pedaços do gesso no chão, destroços de A1/
V1, A2/V2, A3/V3, A4/V4.*

A intensidade da luz ilumina apenas os pedaços de gesso.

A luz baixa progressivamente até desaparecer.

FIM

Bibliografia

ARGUELLO, K. (2012). *Bíblia King James Atualizada (Português)*. Disponível em: <https://bibliaportugues.com/isaiah/6-10.htm>

_____ (2018). *Ressuscitou*. Coro Juvenil de São Pedro do Mar de Quarteira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aDQwKY9IJ0Y>

CHOPIN, F. *Piano Sonata No. 2 in B-Flat Minor, Op. 35: III. Marche funèbre – Lento*.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sg3D-sKtZVHM>

ODETTA (1963). *Sometimes I Feel Like a Motherless Child*.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ZXg9UFUXFXU>

RADIOHEAD (1997). *Exit Music For a Film*. Interpretação de Judith Chemla para o espetáculo De Beaux Lendemain (2017). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BaxyN96mGrU>

POSFÁCIO

| EUGÉNIA VASQUES

“QUE VOUS ÊTES BELLE,
SÉVERINE!”:
SOBRE ESTE TEATRO
DE ELMANO SANCHO

Epígrafe 1: “ELA – A minha gueixa é uma samurai, tem uma espada e um manto azul.”

Epígrafe 2: “ELE – O que é que o Bruno tem de fazer para ser igual à Séverine? Não te importas que continue a chamar-te Séverine?” (*I Can't Breathe*).

Epígrafe 3: “HOMEM – Ela ainda não existe. Estou a incubá-la. Não no útero, que não tenho. Nem na coxa, como Zeus fez com Dionísio. Mas na orelha direita. Quando eu menos esperar, ela rebentará e expelirá pedaços de mim. O meu pénis começará a gangrenar, a pele a estalar.

Do homem que sou, pouco ou nada restará; ela emergirá dos meus escombros, mais forte e determinada do que a versão fragilizada, cobarde e masculina de mim.” (*Damas da Noite*, *Uma Farsa de Elmano Sancho*).

Epígrafe 4: “A2 – Temos de continuar. A3 – Sim, continuemos. A1 – Continuemos, sim.” (*A Última Estação*).

1.

As três peças de Elmano Sancho, dadas a ler nesta edição (*I Can't Breathe*; *Damas da Noite*, *uma Farsa de Elmano Sancho*; *A Última Estação*), revelam, logo à primeira vista, uma voz singular, repassada por subterrâneos temas obsessivos e por preocupações que caracterizam a sua geração, o seu tempo e, claro, o lugar próprio por que pugna na sua profissão.

O ator que escreve estes textos, estes materiais para cena – sendo, assim, de acordo com a mais estreita definição, um escritor de cena –, é um intérprete muito *sui generis*, cuja postura cénica, pautada pelo rigor e por um “laconismo” irónico, esconde um estar teatral diferente, rebelde, cosmopolita, quem sabe originado pela miscigenação de culturas, de literaturas, de artes e de línguas que atravessa a sua biografia.

O seu labor de encenador, que iniciou com um dos monólogos que reforçou a sua notoriedade de intérprete a solo (*Misterman*, de Enda Walsh, 2014, depois do igualmente inesquecível *Herodíades*, de Giovanni Testori, em 2012, nos Artistas Unidos, com encenação de Jorge Silva Melo), conduziu-o, naturalmente, para a escrita. E foi sob o império de fantasmas cinematográficos (e outros fantasmas mais pessoais e profissionais) que escreveu o espetáculo *Não Quero Morrer* (2017), sobre o tema mais grave do teatro: o medo de envelhecer e de perder a memória.

O processo de investigação que Elmano Sancho desenvolveu junto de atrizes e atores seniores e que a sua parceira colombiana, a bailarina e atriz Juanita Barrera, paralelamente realizou no seu país, preparou o terreno para uma necessidade de aprofundar este modo de se apropriar das realidades circundantes e conduziu o ator, com o apoio do dramaturgo e encenador Rui Catalão, para a construção de um universo ficcional, tingido pelo não menos ficcional discurso autobiográfico, de uma atriz de filmes pornográficos, Ela, em diálogo com um Ele, *voyeur* e inquietor de si mesmo, num *plateau* cinematográfico de natureza ambígua.

Entramos, assim, na primeira peça desta antologia, cujo título *I Can't Breathe* recorda a trágica morte do afro-americano Eric Garner, assassinado por um polícia nos Estados Unidos da América, em 2014, e cujas últimas palavras deram origem (e deram o nome) a um importante movimento cívico de repúdio antirracista (tal como, agora, a 16 de maio de 2020, o afro-americano George Floyd foi asfixiado até à morte por um polícia branco, depois de, durante muitos minutos, angustiadamente, ter balbuciado onze vezes: “I can't breathe!”).

O texto está construído em duas partes: uma primeira, que é um preâmbulo e se desenrola à entrada do público, com a projeção de uma vídeo-montagem de cenas pornográficas; uma segunda, com o público sentado em U, decorre numa sala/quarto-*plateau*, onde se irá assistir, com expectativa, às vinte cenas dialogais ou monologais de Ele/Bruno e Ela/Séverine (Tatuagem, Primeiro Encontro, Agressões, Habilidades, Confiança, Aparências, Cicatrizes, Gostos, Comando, Toque, Infância, Sujidade, 13, Revista, Respirar, Velório, Promessa, Bruno, Séverine, I Can't Breathe), sob a discreta imagem de Catherine Deneuve no filme *Belle de Jour* de Luis Buñuel (1967).

O tom do diálogo é intimista e sádico; o tom dos monólogos é aparentemente evocativo. A reflexão que tenta emergir da intensa atmosfera de voyeurismo sexual deste combate íntimo lembra a crítica de Guy Debord à sociedade do espetáculo: “No mundo *realmente invertido*, o verdadeiro é um momento do falso.”¹ Como se presente pelo diálogo manipulador, o ato de desnudamento é psicológico e cruel, freudiano. As duas figuras existem em espelho, gêmeas-idênticas, mas de forma desigual: Ele é cruel e perverso, dominador; Ela defende-se e dribla. Mas ambos sabem que provocam e excitam o público e que, no final, sejam ou não pessoas de verdade ou fosse ou não verdade biográfica ou autorreferencial o que afirmaram, o que conta é o que pareceu. Como em Byung-Chul Han, filósofo, aliás, muito chamado à colação sobretudo no que diz respeito ao desenho de um sujeito atópico, esvaziado, que é, na ação, simultaneamente opressor e vítima.

2.

O segundo texto, com o programático título *Damas da Noite, uma Farsa de Elmano Sancho*, possui

¹ (2003) *A Sociedade do Espectáculo* [1967; 1992]. Versão brasileira de Railton Sousa Guedes, p. 16. Disponível em: www.geocities.com.

também, na sua estrutura, um preâmbulo para a entrada do público. Neste caso, trata-se de um verdadeiro *show drag* que estabelece o lugar da ação e cria, alegremente, musicalmente, nos espectadores, o ambiente *underground* das *drag queens*, que vai ser o *theatrum* onde se vai proceder à transformação fantasmática possível. Esta operação teatral, de contornos até certo ponto psicanalíticos, vai realizar-se em quinze cenas no decurso das quais o Homem vai testar e interrogar, em quadro transgressivo e tecnicamente transformista (travestismo, *lip syncing*, *voguing*, etc.), os limites e possibilidades de uma identidade equivalente, europeia e catolicamente, à dos WASP anglo-saxónicos. Posto à prova através da construção, ao vivo, de uma persona que se inscreve na biografia da personagem Homem/Elmano Sancho (do título da peça) como uma *falha*, um não-acontecimento, uma menina, Cléopâtre, que deveria ter nascido em seu lugar e foi desejada pelos pais, o autor defende, indiretamente, não só a fluidez da identidade pessoal mas, e talvez sobretudo, a inconveniência de se pensarem quaisquer categorias – o homem ou a mulher, a heterossexualidade ou a homo ou a bissexualidade, o teatro ou a performance, a

tragédia ou a comédia – de acordo com oposições binárias que serão reconfortantes mas que não são só inúteis como são eticamente reprováveis.

3.

A terceira e última peça desta sequência antológica é *A Última Estação*, um ritual criminal-religioso ostentando, igualmente, um prólogo e mais quinze cenas, correspondendo às catorze (mais uma, a da Ressurreição, como propôs João Paulo II) Estações da Cruz percorridas por Jesus Cristo no Calvário. Mas o mais inesperado nesta “estação” teatral – representando, em minha opinião, o *pathos* desta trilogia escolhida –, é o aprofundamento pelo autor das fronteiras eróticas do seu imaginário, que vinha convocando as pulsões antagônicas e complementares de Eros e Thanatos agregando, aqui, hereticamente, geneticamente, a Cristo, o sacrificado, o assassino Ted Bundy (1946-1989) com quem o cidadão Elmano Sancho apresenta inesperadas semelhanças físicas.

A figura cristológica é um símbolo mitológico presente noutro teatro do autor. Subsumida na personagem Thomas, da peça *Misterman*, de Enda Walsh, que Elmano Sancho interpretou em 2014, a figura de

Cristo reaparece neste Ted criminoso/Cristo Redentor, lembrando, numa sequência da interpretação cénica, a posição crítica da atriz Annie Girardot na cena icónica do assassinato da sua personagem no filme *Rocco e os Seus Irmãos*, de Visconti, que já fora inspiração declarada do espetáculo *Não Quero Morrer*.

E assim como Cristo se desdobra em Ted e até no Encenador, a Bíblia, nos seus Velho e Novo Testamento (Isaías 6: 10, por exemplo), convive, neste guião, com citações ocultadas como as das Veladoras pessoais de *O Marinheiro* (1913), na figura das V(í-timas) e das A (beckettianas), coexistindo mesmo com o discurso mais escatológico e provocatório (“Julgais estar protegidos pela escuridão? Estais tão visíveis quanto eu.”), a recordar, para esta geração, os efeitos de *O Insulto ao Público*, de Peter Handke, em 1966.

Finalmente, e com a chamada de atenção para o tema candente do sacrílego incesto materno e a sua problematização sádica que se vem acrescentar, neste último volante, ao discurso recorrentemente cáustico sobre a família, encerro, por agora, o excuro em torno destes textos agónicos e expressionistas, nos quais Elmano Sancho expõe, por meio de temas colidentes como a devoção e a transgressão, a verdade e o en-

gano, a santidade e o crime, os mitos urbanos e os clássicos, a família e a religião, a marginalidade e a sofisticação, o mecanismo que parece fazer mover o seu teatro, norteados por um violento diagnóstico do teatro e dos seus procedimentos e por uma procura obsessiva de uma identidade e de uma língua próprias.

Lisboa, 16 de maio de 2020

Este Livro foi composto com caracteres Bauer Bodoni,
tipo desenhado por Henrich Joss em 1926. Foram também
utilizados caracteres Roboto (Google, Christian Robertson, 2012)

Contribuição caligráfica de

Beatriz Bizarro Rodrigues e de Isabel Abreu.

Este livro não segue as regras do Acordo Ortográfico.

Impresso em Coral Book Creme, de 110 grs.

 **IMPRENSA DA**
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

coleção
dramaturgia

1 2



9 0



**IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA**
COIMBRA UNIVERSITY PRESS